

TERCEIRO
CONGRESSO SCIENTIFICO LATINO-AMERICANO

These II^a da Sub-Commissão de Sciencias Anthropologicas

A idade da pedra no Brasil : o nosso periodo neolithico

Archeologia e monumentos prehistoricos no Brasil

MEMORIA APRESENTADA PELO MEMBRO DO CONGRESSO

Dr. Nelson C. de Senna

(NATURAL DE MINAS GERAES)

Lente cathedratice de Historia do Gymnasio Mineiro, Bacharel em sciencias juridicas e sociaes,
Socio correspondente do Instituto Historico e geographico Brasileiro
(do Rio de Janeiro), do Instituto dos Advogados Brasileiros, do Instituto Historico de S. Paulo,
da Academia Pernambucana de Letras, da Associação de la Prensa
(Santiago do Chile), do Gremio Literario da Bahia, do Centro de Sciencias, Letras e Artes
(de Campinas), membro do 3.^o Congresso Scientifico Latino-Americano, etc., etc.!



BELLO HORIZONTE

Typ. Beltrão — Ruas do Espirito Santo e dos Carijõs

1905

A' MEMORIA DE

Pedro Guilherme Lund

O SABIO EXTRANGEIRO QUE FOI O CREADOR
DA PALEONTOLOGIA NO BRASIL

E DE

DOMINGOS SOARES FERREIRA PENNA

O MODESTO SCIENTISTA

BRASILEIRO

QUE FOI O SEU

CONTINUADOR

O. D. C.

ESTE ESTUDO

O AUTOR

MINAS GERAES

MCMV



ADVERTENCIA

«Arma antiqua manus, ungues, dentesque fuerunt,
«Et lapides, et item sylvarum fragmina rami ;
«Posterior ferri vis est, ærisque reperta,
«Sed prius æris erat quam ferri cognitus usus».
(LUCRECIO—*De Rerum natura*).

*

«Os homini sublime dedit, cœlumque tueri
«Jussit, et erectos ad sidera tollere vultus».
(OVIDIO—*Metamorphoses*, I, 85).

*

Abrindo esta insignificante *Memoria*, com o patrocínio tutellar de dous dos maiores poetas e pensadores latinos, fazemos a nossa profissão de fé, na affirmação de que ainda e sempre serão a latinidade e os estudos classicos o fundamento substancial da cultura intellectual perfeita entre modernos.

Máu grado o vaticínio agoureiro de que a latinidade perece, nestes tempos actuaes, em que o *fa presto* (trabalhar depressa) é a nota dominante de todos os espiritos vestidos á moda coéva—pensamos, e comnosco uma legião de escriptores occidentaes, qual mais eminente, que a volta ao seio fecundo das letras gréco-romanas importa num *renascimento*, sob todos os pontos de vista.

Não foi de balde que invocámos Lucrecio e Ovidio.

O primeiro, Titus Lucretius Carus de nome, nascido quasi um seculo antes de Christo (658-700), viveo nos tempos agitalissimos de Mario e de Sylla, abeberou o seu espirito na cultura philosophica dos Hellenos, estudando com Zenon, discipulo da escola philosophica de

Epicuro, e, depois de compôr o seu genial poema didactico, *De natura rerum*, em seis livros (56 annos antes do nascimento de Jesus), já saturado das amarguras da vida, afundou na escuridão do tumulto pelo suicidio, aos 42 annos de existencia...

No seu poema, dedicado a Memmius, e hoje entre nós vulgarizado, principalmente pelas traducções francezas (De Pongerville, abade de Polignac, Sully-Prudhomme, André Lefèvre) se encontram verdades scientificas, hoje generalizadas, mas que naquelle tempo representavam intuição verdadeiramente genial.

O infinito do espaço e do tempo; a eternidade e a indestructibilidade da materia; as primeiras edades da terra e a gradual evolução dos seres organizados; os aspectos da vida selvagem do *homo primigenius*, que habitava no sombrio dos bosques e no interior das cavernas (*nemora cavosque montes*, segundo Lucrecio); enfim, todos os grandes problemas da Natureza estão alli, nos versos admiraveis do poema latino, desvendando-nos, ha perto de 2.000 annos, os segredos famosos da historia da criação.

O delicado Sully-Prudhomme traçou (1869) um bello e completo estudo analytic sobre Lucrecio e a sua obra; é ainda o melhor commentario do *De Natura rerum*, em que pése a Lefèvre, para quem Lucrecio não passou de um eloquente intérprete de Epicuro, e de um seguidor de Zenon de Eléa, de Empedocles e Xenophonte, versado que era no conhecimento da seductora philosophia grega.

Vide ANDRÉ LEFÈVRE, *La nature des choses*, Paris, 1878, na «Bibliothèque des Sciences Contemporaines», volume: *La Philosophie*.

*

Tambem Ovidio (Publius Ovidius Naso de nome, nascido em Sulmo, 48 annos antes de Christo), e que experimentou os dissabores do exilio no Pónto-Euxino, onde morreo, nos descreve o ente racional da criação, levantada a frente para o Creator (*os sublime*), e já dotado de intelligencia, como um ser perfeito de faculdades (*mens capacios altae*), no seio da Natureza primitiva. Sem o descortino genial de Lucrecio, embebeo-se, entretanto, Ovidio nos ensinamentos da philosophia de Pythagoras, e chegou a vasar, no canto XVº das *Metamorphoses*, a concepção da unidade da materia, debaixo das transformações successivas, que esta soffre. Tirámos de Nisard a traducção d'esse formoso canto:

«Tudo muda, nada perece: o sópro vital erra de um lugar para outro, anima todos os corpos, o animal após o homem, o homem depois do animal, e não morre nunca. Assim como a cêra docil que recebe todas as moldagens e permanece sempre a mesma, sob as fórmulas mais diversas, a alma tambem fica sempre immutavel, debaixo das diferentes apparencias dos corpos para que ella emigra. Toda fórmula é ephémèra».

E assim, si no canto XV^o Ovidio lançava a «doutrina do transformismo», que hoje domina toda a sciencia moderna (Paul Mougelle, *Les Problèmes de L' Histoire*, Paris-1886), exemplificando o seu verso com as mutações do scenario social do mundo antigo, e por outro lado affirmando o principio da «Unidade da materia»; já, no canto I^o do mesmo poema mythologico (*Metamorphoses*), o poeta tivéra a intuição—imitada de Hesiodo—da divisão das edades pelos *metaes*, correspondendo aos 4 estadios de uma vida superior, decahindo sempre para o gráu inferior : a idade do *ouro*, a da *prata*, a do *bronze* e a do *ferro*. Ahi, porém, é que está a differença entre as divisões das edades, na cosmogonia poetica, e na sciencia moderna.

Na primeira, a ordem é descendente; na Prehistoria é o contrario : o movimento da cultura humana é ascendente. Da idade da *pedra* attinge-se o andar superior da idade do *bronze* (proto-historica) e desta ao periodo quasi ou definitivamente historico : a idade do *ferro*.

Tal a classificação das tres edades prehistoricas, segundo a materia de que os homens primitivos fabricavam os seus rudes e grosseiros instrumentos, armas e utensilios, na evolução humana constatada no Velho e Novo Mundo pelas pesquisas e descobertas da Archeologia, a partir do começo do seculo XIX até hoje.

Não poderá, todavia, negar a Sciencia o contingente, que recebeu das doutrinas de Lucrecio, de Epicuro, de Zenon, de Plinio, de Theophrasto, de Ovidio e de outros classicos e sabios latinos e gregos.

Está justificada a nossa *Advertencia*. Passemos ao assumpto desta *Memoria*.

Bello Horizonte (Minas-Brasil)—Maio de 1905.

Nelson C. de Senna

BIBLIOGRAPHIA

DOS

Principaes autores citados nesta Memoria e dos que devem ser consultados
para o estudo do assumpto

DR. JULIO TRAJANO DE MOURA—*Do homem americano* (brilhante these de concurso).

GENERAL DR. JOSÉ VIEIRA COUTO DE MAGALHÃES—*O Selvagem*—Rio de Janeiro, 1876—e *Ensaio de anthropologia* (sobre as raças selvagens do Brasil)—In *Rev. do Inst. Hist.*, tomo 36 (1873).

FLORENTINO AMEGHINO—*La Antigüedad del hombre en el Plata*—Buenos Aires.

DR. FERRAZ DE MACEDO—*Ethnogenia brasilica*—Lisboa, 1886.

DR. SYLVIO ROMÉRO—*Ethnographia Brasileira* (estudos criticos e scientificos, abrangendo a *Ethnologia Selvagem*)—Rio—1888.

VISCONDE DE PORTO SEGURO—*Historia Geral do Brasil* (1.^a ed. com estampas) Rio—1854—1 vol.

A. DE QUATREFAGES—*L'homme fossile en Brésil et ses descendants actuels*, na obra *Hommes fossiles et hommes sauvages*, Paris, ed. de 1883.

MARQUIS DE NADAILLAC—*L'Amérique Préhistorique*—Paris, ed. de 1883.

DR. PAUL TOPINARD—*L'Anthropologie* (4.^a ed. prefaciada por Paul Broca)—Paris, ed. C. Reinwald.

MAJOR ANNIBAL MASCARENHAS—*Curso de Historia do Brasil*—Rio (Quaresma & Comp.^a)—1898, 1.^o vol.

DR. JOÃO RIBEIRO—*Historia do Brasil*—Rio (2.^a ed.)—1900; e na *Historia Antiga*, 2.^a ed.—Rio (Alves & Comp.^a), 1894—o cap. *O Homem Prehistorico*.

ALFREDO R. WALLACE—*O Amazonas e o Rio Negro*.

PROF. CARLOS FRED. HARTT—*Geology and physical Geography of Brazil* (1870), ed. de Boston (Fields).

SPIX UND MARTIUS (Dr. Joh. Bapt. von Spix und Dr. Karl. Fried. Phil. von Martius).

Reise in Brasilien (Viagem ao Brasil)—Ed. de München, 1828.

Ha uma edição ingleza de Longmans, London, 1829—*Travels in Brazil*.

VON MARTIUS—*Zur Ethnographie Amerika's, Zumal Brasiliens* (Sobre a Ethnographia da America e principalmente do Brasil)—Leipzig, 1867.

DR. HEINRICH HANDELMANN—*Geschichte von Brasilien*—Berlin (ed. Julius Springer), 1860. É uma excellente «Historia do Brasil».

DR. PAUL EHRENREICH—*Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens*—Berlin, 1891 (Contribuições para o conhecimento dos Povos do Brasil).

EHRENREICH—*Die Einteilung und Verbreitung der Völkerstämme Brasiliens nach dem gegenwärtigen Stande unserer Kenntnisse* (Divisão e distribuição das tribus do Brasil, segundo o estado actual de nossos conhecimentos) Berlin, 1891—Vide trad. portug. do prof. João Capistrano de Abreu (Rio de Janeiro).

DR. KARL VON DEN STEINEN—*Durch Centralbrasilien. Expedition zur Erforschung d. Schingú im Jahre 1884*—ed. de Leipzig; e *Unter den Naturvölkern Centralbrasiliens, Reiseschilderung und Ergebnisse der II. Schingú—Expedition 1887 bis 1888*, ed. de Berlim, 1894. Esta obra foi traduzida pelo prof. J. Capistrano de Abreu: *Entre os Povos natu-raes do Brasil Central*, &—Ed. brasileira, do Rio de Janeiro.

M^{ME} ET M. LOUIS AGASSIZ—*Voyage au Brésil* (trad. de l'anglais par Félix Vogeli)—1 vol. com gravuras—Paris (ed. Hachette & Comp^a)—1869—O titulo inglez da obra de Agassiz é: *A Journey in Brazil*.

CONEGO RAYMUNDO ULYSSES DE PENNAFORT—*Brasil Pre-Historico*—1 vol.—Fortaleza (Typ. Studart)—1900.

J. E. WAPPAEUS—*Die Physische Geographie von Brasilien* (refundida e condensada na trad. brasileira de J. Capistrano de Abreu e A. do Valle Cabral, sob o titulo *A Geographia Physica do Brasil*)—1 vol. Rio (ed. G. Leuzinger & Filhos)—1884

ERNEST RENAN—*L'Avenir de la Science (Pensées de 1848)*—6^a ed.—Paris—1890.

ALEXANDRE DE HUMBOLDT—*Voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent*—Paris (trad. do allem. por Galusky).

DR. ORVILLE DERBY—*As Investigações Geologicas do Brasil*—(In *Rev. Brasil.*, Rio de Janeiro, Maio 1895).

HENRY KOSTER—*Travels in Brasil from Pernambuco to Seara; also a voyage to Marankam; etc.*—2 vols. London (ed. de

1817). Ha uma trad. franceza da obra de H. Koster por A. Jay, Paris—1821, com o titulo, *Voyages dans la Partie Septentrionale du Brésil (1809 a 1815)*; e uma trad. brasileira de Antonio C. de A. Pimentel (Pernambuco), sob o titulo *Viagens no Brasil & por Henry Koster*.

PROF. J. BARBOSA RODRIGUES (Director do Jardim Botânico do Rio de Janeiro). Vide os seus trabalhos: *La Vallée des Amazonas* (1872-75); *Idolo amazonico, achado no rio Amazonas* (1875); *Antiguidades do Amazonas* (1876-1880); *O Muirakytan, precioso coelvo do homem anti-columbiano* (1882), *O Muirakytan ou aliby* (1884); *A necrópole de Mirakanguera* (1887); *Les reptiles fossiles de l'Amazone* (1889); *Os idolos symbolicos e o Muirakytan* (1891), havendo sobre este ultimo trabalho nova ed. de 1899, em 2 vols. Na *Rev. Amazonica*, na *Rev. Anthropologica*, na *Rev. do Museu Nacional*, se vêem esses e outros trabalhos do laborioso cientista brasileiro.

DR. CARLOS RATH—*Noticia ethnologica sobre um povo, que já habitou a costa do Brasil, bem como o seu anterior, antes do diluvio universal*. No tomo 34, anno de 1871, da *Rev. do Inst. Hist. Bras.*

BARÃO GUILHERME L. VON ESCHWEGE—*Jornal von Brasilien* (1818), *Geognostisches Gemälde von Brasilien* (1822), *Beiträge zur Gebirgskunde rasilien* (1832) e *Pluto Brasiliensis* (1833).—Vide as traducções das *Notas Geognosticas e Montanisticas*, de Eschwege, pelo Dr. Rod. Jacob, nos tomos II e III (1897-1898) da *Rev. do Arch. Publ.* de Minas Geraes.

JOHANN E. POHL—*Reise im Innern von Brasilien*—Wien, 1832.

HENRY WALTER BATES—*Naturalist on the River Amazons*. London (ed. de Murray), 1863.

GEORGE GARDNER (Superintendent of the Royal Botanical Gardens of Ceylon, India)—*Travels in the Interior of Brasil*—1846.

HENRI COUDREAU—*Voyage au Tapajoz* (com vinhetas e estampas)—Paris (Lahure), 1897.

DR. HERMANN VON IHERING (Director do Museu do Ipyranga)—*O Pithecanthropus* (artigo in-*Rev. Brasileira*, tomo IX, 1897, Rio de Janeiro).

DR. ALFREDO DE CARVALHO—*O Zoobiblion de Zacharias Wagner* (estudo in *Rev. do Instituto Archeol.* (do Recife)—Vol. XI, n. 60, 1903).

AUGUSTE DE SAINTE-HILAIRE—*Voyages dans les Provinces de Rio-Janeiro et de Minas Geraes*—Paris (Grimbert & Dorez), 1830.

DR. JOÃO SEVERIANO DA FONSECA—*Viagem ao redor do Brasil* (1875-1878)—2 vols. ed. de 1880-82, Rio de Janeiro (com estampas e cartas).

DR. E. GOELDI—*Os Mammiferos do Brasil* (1º vol. das monographias brasileiras)—ed. de Alves & Comp.^ª—Rio de Janeiro—1897.

CARLOS VON KOSERITZ—*Subsidios ethnologicos*—Porto Alegre, 1885.

Na *Revista do Archivo Publico* (Minas Geraes)—Vide os seguintes estudos nos tomos V, VI, VII e VIII (de 1900 a 1903) :

DR. M. BASILIO FURTADO—*Contribuição para o estudo da Zoologia no Brasil* ; e

PROF. LEONIDAS BOTELHO DAMASIO—*Traducções dos trabalhos do Dr. P. G. Lund*.

DR. JOHN C. BRANNER—*Inscrições em rochedos do Brasil* (in *Rev. do Inst. Archeol. e Geogr. Pernambucano*, 1903).

FRANZ KELLER LEUZINGER—*Os rios Amazonas e Madeira*.

CAPTAIN RICHARD F. BURTON—*The Highlands of the Brazil*—2 vols. (com estampas)—London, 1869—editores : Tinsley Brothers.

GASPARI BARLAEI (Gaspar Barlaeus ou Gaspar van Baerle)—*Rerum per octemnum in Brasilia et alibi gestarum sub praefectura Mauritii, Nassovii comitis, historia*. Ed. de Amsterdam (*Amstelodami*, 1647), com estampas.

J. BARBOSA RODRIGUES—*A Pacificação dos Crichanás*—1 vol. Rio, 1886.

DR. HENRI GORCEIX—*Memoria sobre o Dr. Lund e suas obras no Brasil* (in *Annaes da Esc. de Minas*, n. 3, de 1884).

ROBERT SOUTHEY—*Historia do Brasil*—ed. brasileira de 1862—Rio de Janeiro—6 vols., trad. do Dr. Luiz J. de Oliv. e Castro.

DR. J. FRANKLIN MASSENA—*Geologia de Minas Geraes* (in *Rev. do Inst. Hist. Geogr. Bras.*, tomo XLVII, de 1884).

PAUL ALLARD—*L'Archéologie* (in 2.º vol. da obra *Un Siecle, &—1800-1900*—Paris, Goupil et C.^{ie}, 3 vols.).

JULES TROUSSET—*Nouveau Dictionnaire Encyclopédique*. Paris.

P MANOEL AYRES DE CASAL—*Corografia Brasilica*—Rio de Janeiro, ed. de 1817.

DR. JOÃO MENDES DE ALMEIDA—*Algumas Notas Genealogicas*—São Paulo, 1886.

JOSÉ VERISSIMO—*D. S. Ferreira Penna* (estudo biograph. in n.º I do *Boletim do Museu Paraense*, 1895).

Nos *Archivos do Museu Nacional* (do Rio de Janeiro)—Vide os seguintes estudos e memorias:

No vol. I (1876)—Carlos Wiener, *Estudos sobre os Sambaquis do Sul do Brasil* ;

CARLOS HARTT, *Tangas de barro cosido dos antigos Indigenas da ilha de Marajó* ; e *Descripção dos objectos de pedra de origem indigena conservados no Museu Nacional* ;

DRS. LACERDA FILHO e RODRIGUES PEIXOTO, *Contribuições para o estudo anthropologico das raças indigenas no Brasil*, havendo, no fasciculo do 4.º trimestre de 1876, novo estudo do Dr. Lacerda ; e

D. FERREIRA PENNA, *Breve noticia sobre os Sambaquis do Pará*.

No vol. II (1877)—D. S. FERREIRA PENNA, *Apontamentos sobre os ceramios do Pará*, com um Appendice : *Urnas de Maracá* ;

ORVILLE A. DERBY, *Contribuições para a Geologia da região do Baixo-Amazonas* ; e

DR. LADISLÁU NETTO. *Apontamentos sobre os Tembetás da coleção archeologica do Museu Nacional* (esclarecendo esses adornos labiaes de pedra, usados pelos Índios do Brasil).

No vol. III (1878, Diversos estudos sobre a Geologia do Brasil pelos srs. Leandro Dupré, Luiz Ad. C. da Costa, Orville Derby e Richard Rathbun.

No vol. IV (1879), DR. LACERDA, *Craneos de Maracá* (contribuições para o estudo anthropologico das raças indigenas da Guyana Brasileira).

No vol. VI (1885), PROF. CARLOS HARTT—*Contribuições para a ethnologia do valle do Amazonas* ;

DR. LADISLÁU NETTO—*Investigações sobre a Archeologia brasileira* ;

DR. JOÃO BAPT. DE LACERDA—*O Homem dos Sambaquis : Contribuição para a anthropologia do Brasil* ;

D. S. FERREIRA PENNA—*Os Índios de Marajó* ; e

DR. J. RODRIGUES PEIXOTO—*Novos estudos craniometricos sobre os Botocudos*.

No vol. VII (1887), DR. CHARLES A. WHITE, *Contribuições á Paleontologia do Brasil* (texto em inglez e portuguez).

No vol. X (1897-1899), JOHN M. CLARKE, *A fauna siluriana superior do rio Trombetas e Molluscos devonianos do Estado do Pará* (esclarecendo a era dcs fósseis) ; e

D. MARIA DO CARMO DE MELLO REGO, *Artefactos Indigenas de Matto Grosso*.

No vol. XI (1901), CARLOS MOREIRA, assistente do Museu, publicou as *Contribuições para o conhecimento da Fauna Brasileira*.

*

Dentre os autores estrangeiros por nós citados, (principalmente por edições francezas, as mais divulgadas no Brasil) e que mais alargaram o conhecimento da Sciencia da Terra e suas connexas, resumiremos aqui os nomes e trabalhos, a partir dos mais antigos para os contemporaneos, dos precusores aos continuadores :

BARÃO ALEXANDRE DE HUMBOLDT, no *Cosmos* (1799-1804), nas *Viagens ás Regiões Equinoxiaes do Novo Continente* e nos *Ansichten der Natur* (Aspectos da Natureza), de que Galusky fez uma excellente ed. franceza—*Tableaux de la Nature*. Latino Coelho, no elogio academico de Humboldt, cita a melhor obra sobre a vida, viagens e trabalhos scientificos do sabio do *Cosmos*, a obra de Karl Bruhns : *Alexander von Humboldt eine wissenschaftliche Biographie*—3 vols., ed. de

1872—Leipzig. Em todas essas obras se vê o genio precursor de Humboldt.

KARL RITTER, no *Erdkunde* (1817-1818)—*De la géographie dans son rapport avec la nature et l'histoire de l'homme*. (Obra notabilissima).

HORACE B. DE SAUSSURE, nas *Lettres physiques et morales sur les montagnes*.

LAMANON—*Journal de Physique*—(1780).

JEAN ET. GUETTARD (1715 a 1786) — Varias *Memorias* na Academia das Sciencias de Paris.

COMTE DE BUFFON—*Histoire Naturelle de l'Homme* (1749).

BARON GEORGES CUVIER—*Discours sur les Révolutions du globe*.

CHARLES DARWIN—*Origem da especie humana* (1859).

CHARLES LYELL—*Elements de Géologie e Ancienneté de l'homme prouvée par la géologie* (traduções francezas).

JOHN EVANS—*Les Âges de la pierre de la Grande-Bretagne*.

BOUCHER DE PERTHES—*Antiquités celtiques et ante-diluviennes*.

JOHN LUBBOCK—*L'homme préhistorique*.

A. DE QUATREFAGES—*L'Espèce humaine* (1877).

BOISSIER—*Promenades archéologiques*.

GABRIEL DE MORTILLET—*Le Préhistorique, antiquité de l'Homme* (1882).

JACOLLIOT—*La gènese de la terre et de l'homme*.

LOUIS FIGUIER—*La vie avant le déluge*.

CAVERNI—*Dell'antichità dell'uomo, secondo la scienza moderna* (1879).

ALFRED RUSSELL WALLACE—*The geographical distribution of animals, with a study of the relations of living and extinct faunas, as elucidating the past changes of the earth's surface*—London, 1876.

MARCEL DE SERRES — *La géologie préhistorique*.

BARON J. DE BRAYE—*L'archéologie préhistorique*—Paris, 1880.

J. D'ESTIENNE (A. Ardouin)—*Comment s'est formé l'Univers*—Paris, 1880.

LEHON—*L'homme fossile*.

ABEL HOVELACQUE—*Notre ancêtre : recherches sur le précurseur de l'homme* (1878).

DE BONNSTETTEN—*Recueil d'antiquités suisses*.

PAUL BROCA—*Les troglodytes de la Vézère e Recherches sur l'Ethnologie* (1880).

N. JOLY—*L'Homme avant les métaux*.

MARQUIS DE NADAILLAC—*Les Premiers Hommes et les temps préhistoriques*—Paris, 1880.

P.^º MONSABRÉ—*La genèse du Monde (Conférences, XIII)*, Paris, 1875.

PAUL TOPINARD—*Eléments d'anthropologie générale*—Paris, 1885.

A Edade da Pedra no Brasil

§ I

O estudo desta these é superior á média geral dos conhecimentos scientificos, nas gerações letradas do nosso paiz.

Repetir noções bebidas nos compendios classicos, que nos vêm do estrangeiro, nada adeanta á solução do caso.

Citar as brilhantes investigações geologicas de um Charles Lyell, de um Prestwich, de um John Evans, de um Flower, de um Albert de Lapparent, de um Paul Broca, hoje repetidas entre outros por um Jacolliot, um Paul Gervais, um Louis Figuier...; sobre a formação e a génese da Terra e as suas relações com o apparecimento do homem, neste planeta, seria ocioso e banal, uma vez vulgarizados como se acham taes estudos, ao alcance de todas as bolsas, em edições populares, e de todas as intelligencias applicadas, em livros a cada passo citados.

O que conviria seriam estudos originaes, de procedencia e assumpto brasileiros, sobre o vasto e curioso assumpto da EDADE DA PEDRA em nosso paiz, no desdobramento dos dous periodos: PALEOLITHICO e NEOLITHICO, em relação ao estado de cultura e industria das primitivas populações, autochtonicas, ou transmigradas, em remotos periodos prehistoricos, para esta banda do Continente americano.

O Brasil — *Eden do naturalista*, na frase tão conhecida de Achille Richard—offerece vasto campo aos scientistas.

Demais, a importancia de tal ordem de estudos é indiscutivel.

Já o erudito Cesar Cantú, em sua ultima obra, teve disto clara intuição : « A paleontologia, a archeologia prehistorica, a nova theoria geogenica, impõem ao historiador de hoje o dever de lançar o olhar para além dos limites do tempo e das tradições, para ir estudar a arvore genealogica da natureza ».

C. Cantú—*Os ultimos 30 annos* (1848-1878), pag. 320-21, da trad. portug. do Visconde de Castilho, Lisboa, 1880.

No momento presente, o estudo do homem não pôde mais ser feito isoladamente do estudo da Terra : andam em parallelismo scientifico a doutrina moderna da formação do Globo e a da successiva evolução da especie humana.

Ao *prolem sine matre creatam*, de Ovidio Nasão (e que foi a divisa de Montesquieu, no *Espirito das leis*), juntou-se a fórmula celebre do sabio escossez Guilherme Hutton (1797), quando sobre as transformações cyclicas do globo escreveu :

«NO TRACE OF A BEGINNING, NO PROSPECT OF AN END».

Correm mundo agora verdades axiomaticas, como esta de Salomon Reinach : « A humanidade é mais antiga que a historia, e a lenda não tem chronologia ».

A luz scientifica destruiu a fabulosa *Natura mendax* . . .

E agora tudo se desvenda tanto no mundo physico, como nos primeiros dias millenarios da vida do homem primitivo.

Os precusores desbravaram as urzes do caminho: na archeologia prehistorica, um Mahudel (1734), membro da Academia das Inscripções de Paris, um Boucher de Perthes (1841), um Keller (1853), um Thomsen e um Warsaae, um Lartet (1860), um Caverni (1879), um De Braye (1880); e assim tambem na epigraphia moderna, nomes como o do seu fundador, o illustre italiano Borghesi (de Savignano, 1781-1860), e Grüter, um flamengo, Mazzocchi, um napolitano, Fabretti e Marini, estes patricios e continuadores de Borghesi.

Paul Allard, em um excellent estudo, *L'Archéologie* (pag. 276 do 2º vol. da notavel obra franceza, *Un Siècle, mouvement du monde de 1800 a 1900*—Paris, Goupil & Comp.), fez justiça á seriedade dos estudos desses sabios.

Diz elle : « Em contraste com as fantasias de Gabriel de Mortillet, a archeologia prehistorica lembrará com honra os sobrios e solidos trabalhos de Nadaillac, Bertrand, De Baye, D'Acy, Arcelin, Hamard, Fergusson, e de muitos outros verdadeiros sabios, inimigos das generalisações prematuras e que teriam todos podido inscrever á testa de suas obras a epigraphe adoptada por um delles : *Res, non verba* ».

Alargando ainda as citações, vemos em Jules Troussset (*Nouveau Dictionnaire Encyclopédique*, vol. 1º, pag. 245) o seguinte resumo de nomes aureolados na sciencia, de que ora nos occupamos nesta Memoria :

« Os autores que se têm occupado de archeologia prehistorica: Christy, Lartet, Boucher de Perthes, de Mortillet e Quatrefages, na França; Schaffhausen, Virchow e Lindenschmit, na Allemanha; Thomsen, Engelhardt, Steenstrup e Nilsson, na Dinamarca; Troyon, Keller, Morlot, Vogt e Desor, na Suissa; Gastaldi, Ca-

nestrini e Foresi, na Italia ; Schoolcraft, Squier, Foster, Davis, Whittlesey e Wyman, nos Estados Unidos; Crawford, John Evans, Prestwich, Boyd Dawkins, na Inglaterra, e principalmente Lyell em sua obra *Antiquity of Man*, e Lubbock em seus *Prehistoric Times*».

E toda essa pleiade brilhante de cientistas de todos os crêdos e matizes, é frequentemente citada no Brasil, muitas vezes com ignorancia do assumpto por parte de quem os invôca.

Elles e muitos outros (Lamarck, Buffon, Darwin, Haeckel, Fouillé, Wallace, Huxley, Hartmann, Lehon, Capellini, Buchner, Max e Otfried Müller, Spencer, Joly...) são por ali a todo momento relembrados, como guias de autores estereis, que se dilatam nos assumptos mais complicados da paleoethnologia e da ethnographia comparada, da geologia e da paleontologia, da linguistica e da sociologia, sem que, entretanto, desçam á minima particularidade de um facto, de um nome, de um accidente siquer do que é do Brasil.

Os exemplos são innumerados, o caso é de todos os dias, e nisso não convem insistir. E' balda velha dos nossos escriptores.

Quanto a nós, de antemão garantimos, não vivemos devorados por esse morbido desejo de copiar : por conseguinte, sem as afflicções de uma aura de notriedade scientifica, que não podemos jámais pretender—vamos abordar—como nos permittio um sério e paciente exame da materia—o estudo da these brasileira, proposta ao 3º Congresso Scientifico Latino-Americano pela illustrada Sub-Commissão de Sciencias Anthropologicas.

§ II

A partir de Lund e uma vez despertado entre nós o gosto pelos estudos da prehistoria americana, os achados e descobertas fósseis se multiplicaram, desde a segunda metade do seculo findo.

A divulgação dos trabalhos de tantos cientistas eminentes, europeus e norte-americanos, cujos nomes já citámos, se accentuou nas gerações dos ultimos trinta annos, no seio das nossas Escolas superiores, Institutos scientificos e centros de maior cultura do paiz (Recife, Bahia, Rio de Janeiro, Ouro Preto e S. Paulo).

Já não era um mytho, no Brasil, a antiguidade do homem prehistorico, de que se recolhiam vestigios e rudes instrumentos da sua industria primitiva, armas e utensilios de pedra, ossadas do seu esqueleto e dos animaes d'elle contemporaneos.

De direito, cabe-nos aqui dizer que a paleontologia brasileira é creação incontestavel do dr. Peter Wilhelm Lund, o sabio dinamarquez que vivêo, como um cenobita, em um quieto arraial mineiro, a Lagôa Santa (a 8 legoas da actual capital de Minas, Bello Horizonte), de 1834 a 1880, e alli falleceo a 5 de maio deste ultimo anno.

Nascido em Copenhague (Kjbenhavn), a 14 de junho de 1801, bacharel em sciencias e letras (1818), doutor em philosophia (1827), vindo pela primeira vez ao Brasil, tres annos depois da Independencia, aqui esteve de dezembro de 1825 a fevereiro de 1826, retornando segunda vez, em janeiro de 1833, e definitivamente, pois desde então nunca mais sahio do nosso paiz.

Os despojos d'essa obscura éra prehistorica brasileira, os *fósseis* da época *quaternaria* no planalto mineiro, os thesouros da ignóta paleontologia nacional, foram arrancados por Lund no recinto das 250 cavernas, grutas e lapas por elle pacientemente visitadas, exploradas e descobertas, na zona de terrenos calcareos da bacia do Rio das Velhas. Zaborowski e Z. Moindron, citados pelo sr. Dr. Sylvio Roméro, elevaram, exaggeradamente, a *oitocentas* o numero das cavernas exploradas por Lund.

Na Lagõa Santa, as grutas dos arredores do arraial; e mais outras diversas grutas e cavernas, nos municipios mineiros, convizinhos, de Santa Luzia, Sete Lagoas e Curvello—como sejam as grutas do Sumidouro e Fidalgo, da Cêrca-Grande, do Mosquito, do Sacco-Comprido e, entre todas, a vasta, formosa e labyrinthica Lapa do Maquiné, a 6 kilometros da actual estação ferrea de Cordisburgo (Vista Alegre); attestam quanto nellas sondou, pesquisou, arrecadou, o genio investigador do eminente naturalista da Jutlandia, que, pelo coração e pelo fecundo labor scientifico, foi mais um sabio do Brasil do que da Dinamarca.

O que ainda sabemos de melhor sobre os *fósseis* do Brasil, na região central mineira, e sobre o *homem das cavernas* ou o nosso homem prehistorico, devemos ás sabias investigações de Peter Lund, communicadas, originalmente, em idioma dinamarquez, ás revistas e sociedades scientificas da Escandinavia e da Dinamarca, sua patria (vide a obra *Antiquitates Americanae*, editada em Copenhague), e d'ahi divulgadas pelos centros cultos da Europa e da America, medeante versões em allemão, francez e inglez.

O sr. Dr. Sylvio Roméro, cultissimo espirito, que, do II ao VI capitulos da sua *Hist. da Litterat. Bras.*, tomo 1.º, Rio, 1888 — ventitou com abundante saber a questão da raça, do meio, e do typo brasileiro, diz que (pag. 20) foi o Dr. Lund «o homem que melhor conheceu a prehistoria do Brasil». Das theorias do sabio dinamarquez—exaradas nas celebres *cartas* publicadas na *Rev. do Inst. Histor.* (vols. 7.º e 11.º, principalmente a do tomo de outubro de 1844)—dá o professor sergypano um breve resumo; e, baseado na autoridade de Peter Lund, accredita na grande antiguidade da raça autochtonica americana, acceitando por conseguinte «a *origem polygenista* do homem, defendida por Morton, Nott, Agassiz, Littré e Broca», mas que (dizemos nós) é fortemente combatida pelos «grandes nomes de Linneu, Buffon, Cuvier, Lamark, Humboldt, Geoffroy Saint-Hilaire, De Quatrefa-

ges»—partidarios estrenuos da *unidade da especie humana, composta de varias raças* (J. De Crozals, *Hist. de la Civilisation*, vol. I, pag. 23). E um outro professor sergypano, o sr. Dr. João Ribeiro, em posição oposta á assumida pelo seu sabio conterraneo, escreve que o «*monogenismo* é a doutrina que reúne a seu favor até hoje o maior numero de testemunhos da observação». (No cap. *As Raças humanas*, pag. 47, da *Hist. Antiga*, op. cit.).

Fechada a digressão, voltemos ac «Solitario da Lagôa Santa».

Liga-nos ao nome de Lund uma enorme sympathia, de modo que se justifica o demorarmos sobre elle, rememorando—n'este selecto Congresso de sabios de toda a America Latina, agora reunidos no Rio de Janeiro—os inestimaveis serviços prestados pelo saudoso europeu do Norte ao grupo das sciencias prehistoricas, no Brasil.

Ao visitarmos (julho 1904) a imponente Lapa do Maquiné — de que demos longa descripção em um diário bello-horizontino (*A Folha Pequena*)—evocámos, sob as abobadas deslumbrantes daquelle palacio de fadas, as pesquisas do Dr. Lund, no interior das galerias subterraneas da extensa caverna, de onde elle extrahio curiosos *specimens* da nossa fauna primitiva.

Antes de nós, já o illustre professor da Escola de Minas de Ouro Preto, sr. Dr. Antonio Olyntho, tinha-se occupado da Lapa do Maquiné e da estada do Dr. Lund, nella.

Ao tempo em que Peter Lund enviava do Brasil para o seu paiz de nascimento os resultados das suas pesquisas, nas grutas ossíferas do planalto Mineiro, lá—na Dinamarca—se creava, sob a direcção de Thomsen, o MUSÉU ETHNOGRAPHICO de Copenhague, e os estudos prehistoricos caminhavam illuminados pelo saber de Nilsson (professor da Universidade de Lund, cidade dinamarqueza) e dos professores Forchammer, Worsaae e Steenstrap, que foram por muitissimos annos os directores dos afamados muséus da capital Jutlandica.

No pequeno reino do Norte, a efficaz protecção do Parlamento e do velho soberano Christiano IX não deixava perecer a obra d'esses eminentes sabios ; e alli eram cotadas como de subida valia as contribuições scientificas do Dr. Lund.

Dous professores da nossa Escola de Minas, os srs. Drs. Henri Gorceix (valiosa *Memoria* sobre Lund, no n. 3 dos *Annaes* da dita Escola, 1884) e Leonidas Botelho Damasio (este em varias versões do francez para portuguez, de algumas das principaes *Memorias* do sabio dinamarquez), iniciaram a divulgação, entre nós, dos estudos do Dr. Lund.

As traducções do professor Leonidas constam da *Revista do Archivo Publico Mineiro* (tomo V, pag. 3 a 90 ; tomo VI, pag. 27 a 88 ; tomo VII, pag. 767 a 809 ; tomo VIII, pag. 853 a 877).

Pertencem as 4 *Memorias* traduzidas e já publicadas, ao importantissimo trabalho de Lund : «ESTUDO SUMMARIO DO REINO ANIMAL

NO BRASIL ANTES DA ULTIMA REVOLUÇÃO DO GLOBO—reputado «o escripto capital do sabio Lund», no juizo do traductor.

Deve-se ao magnanimo sr. Dom Pedro II a trasladação d'essas *Memorias* do original dinamarquez para a lingua franceza, tendo aquelle soberano offerecido a versão em francez ao sr. professor H. Gorceix, para que as referidas *Memorias* fossem publicadas nos *Annaes* da Escola de Minas, depois de convenientemente passadas ao vernaculo ; e, de facto, sahiram duas d'ellas nos fasciculos 3.^o e 4.^o (1884 e 85) dos *Annaes*, em Ouro Preto.

Interrompidas durante annos a traducção portugueza e a respectiva publicação, o sr. professor Leonidas as continuou, muito recentemente, como já vimos, na *Rev. do Archivo Mineiro*.

A 1.^a memoria (*Introducção*), o Dr. P. Lund datou-a de 14 de fevereiro de 1837 ; a 2.^a (*Mammiferos*), de 16 de novembro ainda de 37 ; a 3.^a (ainda *Mammiferos*), de 12 de setembro de 1838 ; e um *Supplemento* à 2.^a e à 3.^a *Memorias*, em 7 de abril de 1839.

Vêm depois um *Appendice ás observações sobre os animaes fósseis do Brasil*, em 27 de março de 1840 ; a 4.^a Memoria (continuação dos *Mammiferos extinctos do valle do Rio das Velhas*), em 30 de janeiro de 1841, seguida de *Notas, Lista de Fósseis* e um novo *Appendice*.

Todas estas *Memorias*, já o dissemos, o Dr. Lund as remetia, em original, à *Academia de Sciencias* e à *Sociedade dos Antiquarios do Norte*, ambas em Copenhague.

Quem quizer vêr outros trabalhos de Lund, como por exemplo : *Cavernas existentes no calcareo do centro do Brasil, algumas das quaes encerram ossadas fósseis*, terá de perder tempo a catar revistas, nas collecções de bibliothecas.

Nos tomos 4.^o (1842) e 6.^o (1844) da *Rev. do Instituto Historico*, do Rio de Janeiro, ha, por exemplo, as duas interessantes e já citadas cartas de Lund, referindo as suas descobertas de ossadas fósseis, nas grutas da Lagôa Santa e Sumidouro.

Pena é que se não tenha ainda reunido, em edição definitiva, o formidavel trabalho do debil «Solitario da Lagôa Santa»—homenagem posthuma a que elle faz jús, por tardia que venha ainda a se realisar. (Vide *in-fine*, nota A, no *Appendice* desta *Memoria*).

§ III

A paleoethnologia brasileira—na sua verdadeira significação de estudo da raça primitiva, que habitou o nosso paiz nos tempos prehistoricos—ainda não se constituiu, definitivamente. O complicado estudo das edades ou periodos prehistoricos ainda mais se agrava pela muito incerta determinação dos typos anthropologicos primitivos ; ou, mais propriamente, pela carencia de uma regular classificação paleoethnologica do «homem das cavernas».

Quantos problemas postos em equação pelos sabios !

¿ O homem só appareceu no periodo *quaternario*, ou já tinha surgido na epoca *terciaria* ?

¿ Como fixar a nebulosa chronologia d'esses recuadissimos tempos, coevos do homem fossil (*homo primigenius*, *homo diluuii testis*, segundo o flamengo Scheuchzer, *préadamita*, segundo Darwin e outros) ?

¿ Qual o verdadeiro criterio scientifico para a demarcação de cada éra ou idade prehistorica ?

A vida e o regimen do *troglodyta*, do *anthropolitha* (o homem fossil) ; a fixação do typo humano primitivo—si o *Homem-Primate*, de Linneu (no seu *Systema naturae*) ; si o *Anthropopithécus*, de Gabriel de Mortillet, ou o *Homem-macaco* ou *Pithecòide*, de Ernesto Haeckel ; si o *Gibbon* (macaco anthropoide oceanico, da ordem dos catarrhynianos, ou sem cauda), do allemão W. Dames ; si o *Pithecanthropus erectus*, determinado em Java pelo paleontologista hollandez Eugenio Dubois : que de incertezas a desafiarem o esforço dos competentes ?! (Vide nota B, *in-fine*).

E nem só isto. Outras magnas questões, como a theoria da *geração espontanea*, de Pouchet de Rouen (1800-1872) ; a do *ovo cosmico*, aventada por Durand ; os debates sobre a nomenclatura anthropologica de Blumenbach, baseada na craneologia ; a luta viva entre o *monogenismo* e o *polygenismo* ; e quanto a nós, neste continente, a luta entre o *autochtonismo* e a procedencia *asiatica* do «homem americano» : são outras tantas incognitas, que chamam á discussão ethnólogos e anthropologistas. Resta que os sabios nunca tentem explicar estas *incógnitas* por outras *incógnitas*, como ironicamente já observava Cesar Cantú, na Italia.

Quando o illustre barão Georges Cuvier (de Montbéliard, 1769-1832) e seu irmão Frederico Cuvier, ambos naturalistas eminentes da França, escrevendo as *Suites à Buffon*, classificavam o homem, sob o ponto de vista zoologico, como um *animal bimanio*, da «1.^a familia da Ordem dos *mammâes fissipedes*», longe estavam de suppôr a que disparatadas audacias não chegariam outros sabios, no correr do seculo XIX, para acertarem em mil e uma differentes classificações d'esse ser racional, tido como centro do Universo e «rei da criação», e que, entretanto, não passa de um átomo no espaço, de um instante ephemero na duração do Còsmos.

E no Brasil o problema do «homem primitivo» quasi que só offerece arêstas inabordaveis por todas as suas faces.

Não que nos faltem os bons elementos de estudo, pois, em uma citação do dr. Paul Ehrenreich, vemos que Bastian já dizia que na *Ethnographia* dos povos naturaes da America não existe o «hiato entre a prehistoria e a historia, coberto por theorias no Velho Mundo, e, entretanto, preenchido realisticamente em nosso continente, pelo facto de continuarem aqui vivazes aquelles troncos naturaes, de que brotaram as raizes cuja flôr são os povos historicos». Faltam-nos, to-

davia, os estímulos do ambiente social em que vivemos: o Brasil é mais um meio político do que científico.

Em todo o caso, parece assentado que o nosso *homem fóssil* viveu no período *archeolithico*, com as transições naturaes e concebíveis de uma lenta evolução da *pedra lascada* para a *pedra polida*.

A subdivisão já consagrada da idade da pedra em períodos: EOLITHICO (origem da pedra), PALEOLITHICO (pedra antiga), MESOLITHICO (período intermediario entre o paleolithico e o neolithico) e NEOLITHICO (nova pedra, coincidente com a pedra polida, como o paleolithico se ajusta ao período da pedra lascada); não deve ser recebida sem umas tantas restricções, que o estudo sociologico das raças inferiores (africanas, oceanicas e precolombianas americanas) justifica ainda hoje.

Assim, por exemplo, o *homem das cavernas* do Sumidouro, cujo esqueleto foi encontrado por Lund, perto da Quinta do Fidalgo (município de Santa Luzia do Rio das Velhas), parece ser contemporaneo do período *paleolithico*; e já o *homem dos Sambaqu's*, hoje representado pelo *Bugre* das mattas do Paraná, e estudado, craniometricamente, pelo sr. Dr. Rodrigues Peixôto, parece pertencer ao período *mesolithico*, isto é, a um período de evolução ou de transição. O sr. Dr. Sylvio Romero; op. cit., pag. 79, suppõe que «estavam os indigenas do Brasil no período da pedra polida, idade que se segue á da pedra lascada e é seguida pela dos metaes». D'esse parecer é o professor Mattoso Maia (*Lições de Hist. do Bras.* pag. 44, ed. de 1895), aceitando a versão corrente de que o selvagem do Brasil estava no período da civilização chamado da *Pedra Polida*, no tempo da descoberta do paiz pelos portugueses, ha 405 annos.

São esses os dous typos constatados, scientificamente, do nosso *homo primigenius* ou do *homo americanus*, no Brasil, ambos do período *quaternario* e ambos contemporaneos de *megathério*—o grande mamífero sul-americano com esse nome classificado por Georges Cuvier, á vista do esqueleto d'esse animal monstruoso da fauna primitiva dos *pampas* argentinos, descoberto, em 1789, perto de Buenos Ayres.

O Dr. Florentino Ameghino, na sua *Antigüedad del hombre en el Plata*, elucida bem a historia do *megatherium* sul-americano, que corresponde no seu tamanho gigantesco, ao *mammouth* do Velho Mundo. O celebre, naturalista Carlos Darwin já havia explorado, em 1835-36, os desertos da Patagonia e o Pampa Argentino, na descoberta de fosséis; e Francisco Moreno (o sabio director do Museu Anthropologico e Archeologico de Buenos Ayres) renovou, de 1876 a 1880, as explorações anteriores de Darwin e de Ameghino, já admiravelmente orientadas pelo grande Burmeister (de 1868 a 1892) e pelo Dr. Carlos Berg, antecessor do Dr. Ameghino, na direcção do Museu platino. Na *Origem das especies*, o sabio naturalista inglez allude aos seus trabalhos, na America do Sul.

Vide : *On the origin of species by means of natural selection* (London, 1859). A escriptora franceza Clémence Royer traduzio a obra famosa de Darwin, em Paris (1866).

Entretanto, deante das sabias conclusões do Dr. Lund sobre o «troglodyta da Lagôa Santa» (como ficou conhecido o homem das cavernas do Sumidouro), ainda ficaram pairando duvidas ; pois é certo que o estudo do «homem fossil do Brasil» ainda não chegou a formular affirmações positivas, como insinuam alguns escriptores brasileiros. E a este respeito remettemos o leitor a uma obrinha do sr. Dr. João Ribeiro, *Historia Antiga*, Rio, 2ª edição, in-8º, onde no fim do capitulo *O homem prehistorico*, pag. 36, encontrará sérias objecções ao assumpto.

Outros ainda querem crêr que o typo do homem prehistorico de Lund seja o grande simio por elle classificado no genero *Protopithecus brasiliensis*, muito parecido com o homem e contemporaneo de outros generos de mammiferos completamente extinctos, e que habitavam o planalto central mineiro (valle do Rio das Velhas), antes da ultima revolução do Globo. Ao *Protopithecus*, Lund attribuia uma altura média de 1,^m30.

D'este modo, o *Protopithecus brasiliensis* seria coévo do *Euryodon*, do *Hétérodon*, do *Chlamydotherium*, do *Hoplóphorus*, do *Pachytherium*, do *Megalonix*, do *Coelodon*, do *Leptotherium* e do *Mastodon* : os representantes mais vultuosos da nossa fauna prehistorica, no periodo quaternario.

E razões não faltam para taes duvidas, como em verdade reconhecemos.

Cada dia, novas descobertas—no terreno da archeologia prehistorica—augmentam o cabedal de estudos e augmentam tambem as incertezas da Prehistoria.

¿ Quantos desmentidos já não têm soffrido os archeologos e os paleontologistas ?

Por demais grande é o inventario das faúnas e floras antigas do globo, nol-o diz Albert de Lapparent.

Trata-se, além de tudo, de sciencias novas, em plena evolução e de nenhum modo constituidas.

E no Brasil as difficuldades se avolumam, deante da nossa geral e já classica indiferença por essa ordem de estudos. O vandalismo tem destruido, de parceria com a ignorancia, muitos monumentos da industria primitiva dos aborigenes, dos primeiros occupadores do solo, em remotas edades. A esse respeito narraremos aqui um factio passado em Minas Geraes.

O velho e modesto naturalista mineiro, sr. Dr. M. Basilio Furtado, na sua *Contribuição para o estudo da Zoologia do Brasil* (*Rev. do Arch. Publ. M.n.*, tomo VII, pag. 595 a 645), conta que pretendia fazer, na estação sêcca, uma excursão proveitosa á gruta da Serra de

São Geraldo (entre Rio Branco e Viçosa), para nella arrecadar interessantes specimens da nossa fauna e industria prehistoricas; porém, deixou de o fazer, porque soube com grande magua que «um grupo de desoccupados e ignorantes, chefiados por um pharmaceutico (!), dirige-se ao logar da gruta e tudo inutilisára, fazendo rolar pela montanha abaixo as urnas funebres, os craneos», etc. *Rev. cit.*, pag. 645.

Quantos factos identicos a este não terão occorrido pelo interior do nosso paiz, de norte a sul?!

§ IV

De diferentes pontos do Brasil procedem os nossos escassos e mal estudados monumentos prehistoricos.

Peter Wilhelm Lund—a quem o sr. Dr. Emilio Augusto Göeldi, o notavel Director do Museu Paraense (de Belém), deu o justo titulo de *Pae da paleontologia brasileira*—remetteu para a Dinamarca, como já vimos, as melhores colleções dos fósseis por elle obtidos em Minas Geraes, em varias cavernas e lapas.

O Museu de Antiguidades Americanas, de Copenhague (que tem mais de 30 mil objectos prehistoricos) guarda interessantes e valiosos fósseis idos do Brasil, e os conserva com carinho na *Secção Lund*.

Foi fundado, como se sabe, pela Real Sociedade dos Antiquarios do Norte.

O nosso Museu Nacional de São Christovam, na antiga Quinta Imperial (Rio de Janeiro), tem importantes colleções devidas à dedicada e intelligente contribuição dos professores Ladisláu Netto, Baptista de Lacerda, Carlos Hartt, Rodrigues Peixoto, Orville Derby, Barbosa Rodrigues e de varios viajantes e correspondentes do Museu, como os srs. Carlos Rath, Ferreira Penna, Basilio Furtado, A. de Miranda Ribeiro, senador Manoel Barata, Charles White, etc.

Deveríamos, entretanto, possuir na Capital Brasileira um *Museu Préhistorico* especial, modelado pelo typo do seu congénere francez, existente em *Saint-Germain-en-Laye*, perto de Paris, e do qual lemos uma interessante descripção dada por Salomon Reinach, em uma publicação franceza.

As pesquisas paleontologicas, no Brasil, foram—chronologicamente—anteriores a Lund, como elle proprio reconheceo, apontando, no fim da 2.^a Memoria sobre os Mammiferos (datada de 16 de novembro de 1837), o contingente fornecido ao assumpto por diversos naturalistas.

Lund deu corpo, vida e alcance scientifico a essas pesquisas; mas, a verdade é que a tradição dos animaes gigantescos (genero *Mastodon*) é muito antiga em nosso paiz.

O P.^e Manoel Ayres do Casal (*Corografia Brasilica*, tomo I, pag. 78), fala de ossos gigantescos encontrados perto do Rio de Con-

tas, no actual Estado da Bahia ; os drs. Joh. Bapt. Von Spix e Carlos Fr. Phil. Von Martius não só indicaram, posteriormente, que esses restos fósseis procediam de um ser animal, certamente do *Mastodonte*, como ainda referiram a existência de outros restos fósseis do genero *Megalonix*, nas cavernas do Rio São Francisco (em Minas), por onde andaram (1817-1820) esses dous celebres viajantes e naturalistas. Vide *Reise in Brasilien-München*, 1823-31, por Spix e Martius.

A crença popular, arraigada na massa ignorante, era de que taes ossadas, de tão anormaes proporções, pertenciam a homens-gigantes ; hoje, porém, essa lenda já foi banida pela Sciencia, tanto no Brasil, como nos outros paizes (mesmo europeus), onde ella tinha ingresso nas camadas do vulgo ingenuo.

Auguste de Sainte Hilaire (*Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*—Paris, Grimbert et Dorez, 1830, tom. 2º, pag. 314) cita por sua vez um grande *dente molar* achado no sertão do rio São Francisco e ainda procedente do genero *Mastodon*, diz o Dr. Lund.

O sr. Dr. Orville Derby, em seu folheto já cit. *As Investigações Geologicas do Brasil*, menciona os sabios estrangeiros que mais devotadamente se preoccuparam com a geologia do paiz, «tomando a paleontologia como base da classificação scientifica dos terrenos brasileiros». Os allemães enchem todo o primeiro periodo das investigações, começadas com Eschwege e Varnhagen, na segunda década do seculo passado, e proseguidas depois com estudos varios de Spix, Von Martius, Johann Pohl, Dr. Olfers, Franz Sellow, Dr. Weiss, Dr. Virgil von Helmreichen, Heusser, Dr. Henrique E. Bauer, Carl Von den Steinen, Claus, etc.

Os francezes, egualmente, deixaram traços de suas observações geologicas no Brasil : A. de Saint-Hilaire, Alcide d'Orbigny, E. Pissis, Castelnau e d'Oséry, Dr. Perigot, Prof. H. Gorceix, Paul Ferrand, A. Thiré, E. Liais. Assim tambem os inglezes : John Mawe, Darwin, Chandless, Rich. Burton, Williamson, Woodward, etc. Madeiras, vegetaes e reptis fósseis, ossadas de animaes contemporaneos dos terrenos de transição, são contribuições que a Paleontologia brasileira deve a esses viajantes e especialistas europeus. (Vide nota B *in-fine*).

O sr. Dr. Rodrigues Peixoto descobrio, nos monticulos de ostreiras, conchas e restos de cosinha (os nossos *kjokkenmæddings*, segundo o nome dado na Europa do Norte a esses monticulos ou cômoros formados pela dupla collaboração da Natureza e do homem primitivo) do littoral de Santa Catharina, as ossadas com que reconstituiu o typo do chamado «homem dos Sambaquis». Sobre a geologia e os fosseis de Santa Catharina escreveu interessante artigo o sr. Carlos Van Lede, ha alguns annos.

Esses depositos de cascas de ôstras e mariscos, de conchas, etc, mais conhecidos pelos differentes nomes de : *casqueiras*, *sernambitbas* e *ostreiras* — têm explicação em Varnhagen (*Historia Geral do Brasil*, tomo I, pag. 117, ed. de 1854) e nas *Notas Genealogicas*, pag. 324, do Dr. João Mendes de Almeida.

A costa austral do Brasil está cheia desses *Sambaquis*, que, em lingua tupy, querem dizer : *montões de ostras*, *collinas de conchas*. No rio Bahú, em Santa Catharina ; em Yguape e Ubatuba, no littoral de S. Paulo; e na costa do Ceará e do Pará; são mais abundantes os *Sambaquis*. Pela vasta região da Amazonia abundam os *cómoros* e *monticuli* artificiaes (os nossos *shell-mounds* e *mound-builders*), nos quaes se encontram madeiras e combustiveis fosseis, conchas, ossadas e cascas de molluscos, cinzas e detricos da cosinha primitiva, pedaços e cacos de objectos de barro cosido, fragmentos de pedra lascada, utensilios e instrumentos grosseiramente fabricados. Os *ceramios* da ilha de Marajó (Pacoval e Camutins), tão bem estudados pelo mineiro Domingos Soares Ferreira Penna, de 1875 a 1885, revelaram uma feição interessantissima da archeologia prehistorica, no Brasil do norte. Na propria zona calcarea do Guaicuhy, em Minas (Rio das Velhas) ha por certo muita cousa a desvendar, em lapas e cavernas, que o infatigavel Lund não conseguiu explorar, inteiramente. Emfim, um novo mundo a descobrir, nos dominios da nossa antiguidade prehistorica, existe pelo Brasil inteiro. Monumentos grosseiros; vagas inscripções em lapas, rochedos e serras; soterramentos, jazidas, grutas, depositos ossiferos; segredos ainda reconditos nas camadas profundas do sub-solo, nas alluviões e desmontes : tudo isso pede o exforço tenaz dos que amam a paleontologia brasileira. (Vide nota C *in-fine*).

§ V

Uma resenha de todos os Monumentos prehistoricos, já descobertos e conhecidos, no Brasil, nos consumiria por largo tempo a attenção. O capitulo - *Inscripções*, por exemplo, é muito extenso. Dellas, as mais curiosas são as do valle do Amazonas, onde um povo certamente anterior ás tribus selvagens da *era historica*, as pintou, desenhou ou gravou, em rochedos e pedras.

São as *itacoatiáras* (*pedras pintadas*, em tupy ou *nheengatú*), tão bem estudadas pelo professor Carlos Hartt, engenheiros Orville Derby, Carlos Morsing, professor Rumbelsperger, Ferreira Penna, que as copiaram do natural e remetteram as copias para o Museu do Rio de Janeiro, onde se podem vêr os originaes desenhos, as bizarras figuras de taes inscripções, cheias de arabescos, emblemas de guerra, cabeças ornadas de diademas, representações de animaes, como o crocodillo, o jaboty, etc. A cidade de *Itacoatiára* (antiga Serpa), no Estado brasileiro do Amazonas, fica proxima ao sitio onde se vêem essas *pedras pintadas*, que lhe deram o nome.

O sr. Dr. J. Barbosa Rodrigues—que desde 1871 começou a explorar e estudar o valle do Amazonas—em seu livro *A Pacificação dos Orichanás* (pags. 168-170), nos dá noticia de umas outras inscripções e pinturas gravadas em varias pedras e rochedos, á beira-río Negro : no sitio das Igrejinhas, na villa de Moura, em Itarendáua (*pedregal*, em lingua indigena), na ponta da Ribeira, na ilha da Salvação, em Ayrão e na enseada do Puiry.

As do Puiry são duas curiosissimas figuras de mulher, na face norte de uma rocha, ás quaes o povo do logar dá o nome de «Santa Rita» — tal a semelhança dos trajos da figura (que tem um resplendor lhe encimando a cabeça), com a santa catholica, padroeira da povoação do Puiry.

No rio Uaupés (cachoeira Janarité), nas Lages (Rio Negro) e no rio Urubú, existem tambem inscripções, de que o naturalista brasileiro citado (hoje Director do Jardim Botânico do Rio de Janeiro) affirma possuir copias authenticas.

Algumas das inscripções de Santa Rita do Puiry e de Itarendáua foram photographadas e outras copiadas pelos exploradores italianos Conde Ermano de Stradelli e Camillo Vedani.

Povos prehistoricos da Amazonia teriam alli insculpido essas imagens e symbolos, que bem merecem estudados, mesmo porque ha quem conteste a vetustez de semelhantes inscripções.

Tanto nos Estados brasileiros do extremo norte, como no Perú, Colombia, Guyanas, são bem frequentes, aliás, essas inscripções e imagens sobre rochas; e nellas se nota uma certa falta de uniformidade, explicavel pela rudimentar cultura artistica d'esses povos de uma raça primitiva.

O explorador inglez Sir Robert H. Schomburgh encontrou identicas inscripções lapidares e ornatos e figuras symbolicas em alguns pontos das serras divisorias do Brasil com a Guyana Ingleza : no Tacutú, no rochedo do Essequibo, na montanha da Lua, etc.

Na serra do Erêrê (Amazonas) o naturalista Dr. João Martins da Silva Coutinho encontrou uma imagem do Sol (reminiscencia da civilização peruviana dos Incas), que elle mutilou, querendo destacal-a do rochedo, onde estava insculpida ; e desastre igual aconteceu depois ao referido Schomburgh, no Essequibo.

Silva Coutinho achava-se então no Norte, em companhia do sr. Dr. Guilherme Schuch de Capanema (hoje Barão de Capanema), fazendo parte da secção geologica da grande Commissão Scientifica Brasileira, de 1857, organisaada pelo Governo Imperial, por iniciativa do Instituto Historico e Geographico (do Rio de Janeiro).

Mesmo na era colonial surgem achados archeologicos.

Para confirmar a asserção, lembraremos que, durante o dominio hollandez, em Pernambuco, tendo o Conde João Mauricio de Nassau despachado do Recife (*Mauritzstadt*) ao sabio flamengo Elias Herck-

mann (1641), para ir pelo sertão a dentro em busca de minas de metaes preciosos ; em vez de taes thesouros, o que Herckmann encontrou foram vestigios de um *povo prehistorico*, cujas tradições já eram perdidas entre os selvagens d'aquellas bandas.

Consistiam taes vestigios em monumentos *megalithicos* do periodo da pedra polida : grandes pedras arredondadas por mão humana, de 16 pés de diametro e grande altura, empilhadas, uma sobre outra ; e algumas pedras tallhadas em fórma de altares, que o historiador Gaspar Barlaeus (Van Baerle) compara aos monumentos neolithicos de Drent, na Belgica, como se pode vêr da obra latina de Barlaeus : *Rerum per octennium in Brasilia et alibi gestarum sub praefectura Mauritii, Nassovii Comititis, historia, Amstelodami*, 1647, pags. 217 e 218 do texto latino, da impressão de F. Cleve, em 1660 (Amsterdão).

Os indios Potyguáras, que acompanharam a Elias Herckmann, não deram noticia de que tribu alguma costumasse erigir semelhantes monumentos, que sem duvida pertenceram a algum outro povo senhor do paiz e anterior á actual raça selvagem, diz Robert Southey, no vol. 4.º, pags. 417—18, da sua *Historia do Brasil* (trad. do Dr. Luiz J. de Oliveira e Castro, na ed. de 1862, Rio de Janeiro).

Na comarca de Flôres (Estado de Pernambuco) existem «duas bellissimas pyramides de granito, com 148 a 150 palmos de altura cada uma», no logar chamado Pedra Bonita, a 6 leguas do sitio Belém; e «d'essas duas pyramides immensas de pedra massiça, de côr ferrea e de fórma meio quadrangular, que, surgindo do seio da terra, defronte uma da outra, elevam-se sempre á mesma distancia, guardando grande semelhança com as torres de uma vasta matriz, a uma altura de 33 metros, approximadamente», vem uma linda estampa ou desenho do natural pelo Padre Francisco J. Corrêa de Albuquerque (1838), no n. 60 (Dezembro 1903), da *Rev. do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*.

Não será essa Pedra Bonita — onde o fanatismo creou o celebre «Reino Encantado» da comarca de Villa Bella, em 1838 — o mais notavel vestigio dos monumentos, a que se referia Herckmann, o naturalista hollandez, em 1641 ?

Na *Rev. cit.*, pags. 249—261, appareceo a traducção portugueza, feita pelo sr. Dr. J. Bapt. Regueira Costa, de um excellente estudo publicado nos Estados Unidos, no *American Naturalist*, de Philadelphia, pelo professor John C. Branner, sob o titulo *Inscripções em Rochedos do Brasil*.

O prof. Branner illustra o seu trabalho com desenhos originaes de varias figuras e inscripções, por elle achadas em Cacimba-Cercada e no Rio da Pedra Pintada (em Pernambuco); nas pedras de Sant'Anna (Estado de Alagoas) ; e remata o seu escripto de 1884, enumerando varias outras inscripções, no Brasil, referidas nas obras do *captain Richard Burton*, do *Rev. H. Koster*, do Dr. João Severiano da Fonseca,

do professor Carlos Frederico Hartt, de Alfred R. Wallace, de Franz Keller Leuzinger, etc. (Vide Nota D, *in-fine*).

Transcreveremos aqui estas eloquentes palavras do prof. Branner :

«Seria muito para desejar que as inscrições e pinturas indianas dos rochedos do Brasil fossem cuidadosamente desenhadas ou photographadas, o mais breve possível; porque, expostas, como estão, aos elementos e não sendo objecto de um cuidado especial, cada anno, que se passe, as tornará menos distinctas, e si não forem preservadas por esse ou por qualquer outro meio, com ellas desaparecerá a ultima esperança, que alimentamos, de conhecer a vida dos habitantes prehistoricos do Brasil.

«O facto de nenhuma interpretação se haver dado a esses rudes *glyphos* deve ser um incentivo para sua compilação e estudo. Na verdade, ainda poderemos procurar a sua interpretação, reunindo os aneis dessa cadeia que prende a civilização de hoje á dos seculos sepultados agora nas trévas». *Rev. cit.*, pag. 259.

§ VI

Grande é a bibliographia sobre o assumpto, de que nos occupamos. Interessantes estudos têm sido dados á publicidade, no Brasil, sobre a nossa geologia, paleontologia, fauna e flora prehistoricas, industria e ceramica das raças primitivas do paiz.

Os *Archivos do Museu Nacional*, do Rio de Janeiro, estão cheios de admiraveis estudos, que representam contribuições valiosissimas para se aclarar o problema das antiguidades prehistoricas, nesta parte do continente sul-americano.

Mercê d'esses trabalhos já se pôde fazer uma idéa por conjuncto do estado de civilização dos nossos aborigenes, no periodo da PEDRA POLIDA, principalmente.

Firmam-n'os pennas de notaveis investigadores nacionaes e estrangeiros, e por deferencia aos hospedes amigos do Brasil, começaremos a citar os seus nomes, em primeiro logar, embora já no prologo d'esta *Memoria* tenhamos dado copiosa citação de autores e obras sobre o assumpto.

Carlos Fred. Hartt, o mallogrado scientista norte-americano (natural de Cornell), fallecido prematuramente no Rio de Janeiro, aos 38 annos de idade, em 18 de março de 1878, nas suas *Contribuições para a ethnologia do Valle do Amazonas*; Carlos Wiener, nos seus *Estudos sobre os Sambaquis do sul do Brasil*; Carlos Rath, em *Algumas palavras ethnologicas e paleontologicas a respeito da provincia de São Paulo*; Charles A. White, nas *Contribuições á Paleontologia do Brasil* (vide vol. VII dos *Archivos*); Dr. Carlos Von den Steinen, o dedicado explorador allemão do valle do Rio Xingú, em sua obra—*Entre os povos*

naturaes do Brasil Central, Berlim, 1894 ; e, algumas dezenas de annos antes destes autores : Quatrefages, *L'homme fossile en Brésil et ses descendants actuels* ; Marquis de Nadaillac, *L'Amerique Préhistorique* ; Dr. Carl. Friederich Phil. Von Martius, *Ethnographia da America e principalmente do Brasil*, ed. de Leipzig, 1873 ; e o Dr. Ferraz de Macedo (portuguez), *Ethnogenia Brasilica*, etc.

Dos nacionaes, enumeraremos os seguintes escriptores do nosso conhecimento, cujos trabalhos estão esparsos em folhetos, revistas, jornaes e outras publicações dadas á estampa, no Brasil, versando sobre antiguidades indigenas, idolos, inscrições, urnas e monumentos funerarios, sambaquis, grutas, etc.

O eminente geographo Dr. Joaquim Caetano da Silva, no seu estupendo livro *O Oyapock*; o medico mineiro sr. Dr. Manoel Basilio Furtado, na sua já cit. *Contribuição para o estudo da zoologia no Brasil* ; o naturalista dr. Francisco Freire Allemão, nos *Estudos botanicos*, 1834-66; o sr. Barão de Capanema (Dr. Guilherme Schuch de Capanema, mineiro, natural de Antonio Pereira, Ouro Preto), nos *Apontamentos geologicos*, 1868, e, nos *Ensaio de Sciencia* (1876-80), o estudo d'Os Sambaquis, no 1.º numero dessa revista (março 1876), pags. 78 a 89 ; o conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, no seu estudo ou parecer (1866) sobre a curiosa *Memoria* do viajante francez Conde de La Hure, tratando das inscrições indigenas encontradas no interior da então provincia da Bahia; o Dr. Ladislau Netto, nas *Investigações sobre a Archeologia brasileira*; o sr. Dr. João Baptista de Lacerda, no seu estudo *O homem dos Sambaquis*; o sr. Dr. José Rodrigues Peixoto, nos seus dous trabalhos : *Contribuição para o estudo anthropologico das raças indigenas do Brasil* e *Novos estudos craneologicos sobre os Botocudos* (com estampas) ; o sr. Carlos Von Koseritz, no trabalho *Sambaquis da Conceição do Arroio* (Rio Grande do Sul, 1884) ; o conselheiro Tristão do Alencar Araripe, nas *Cidades petrificadas e inscrições lapidares no Brasil* (1887, in *Rev. do Inst. Hist.*, tomo 50); o sr. José Verissimo, nas *Populações indigenas da Amazonia*, & (1888); Couto de Magalhães, no *Ensaio de anthropologia*, & (1873); o sr. Jayme Reis, *Noticia de antiguidades indigenas em Minas* (tomo 56 da *Rev. do Inst. Hist.*); e, finalmente, os dous mineiros, Dr. José Franklin Masséna e Domingos Soares Ferreira Penna, a respeito dos quaes nos demoraremos um pouco, nesta *Memoria*.

Masséna (nascido em Ayuruóca e fallecido no hospicio Pedro II, a 9 de maio de 1877) foi um alto espirito de cientista e deixou varios trabalhos geographicos, geologicos, astronomicos, mineralogicos, hydrographicos, sobre Minas, sua provincia natal.

As *Investigações scientificas para o progresso da geologia mineira*, o *Panorama do Sul de Minas*, os *Quadros da natureza tropical* (ascensão scientifica ao Itatiáya, ponto mais culminante do Brasil); e o notavel escripto, *Geologia de Minas Geraes* (no vol. XLVII, de 1884, da *Rev. do Inst. Hist. e Geogr.* do Rio de Janeiro), contêm dados de valor sobre

os *fosséis* por elle achados em Minas e sobre as debatidas pinturas hieroglyphicas das serras de Ayuruóca, aliás depois melhor explicadas pela Commissão Geologica do Estado de Minas.

Ferreira Penna, o modesto sabio filho de Minas (natural de Oliveira do Pyranga, 1818), fallecido em Belém do Pará, em 1888, teve uma vida accidentada de trabalhos, em prol das sciencias prehistoricas. O vol. I do *Boletim do Museu Paraense*, em 1895, trouxe um curioso estudo do illustre escriptor sr. José Verissimo, sobre a vida e os trabalhos scientificos do venerando sabio brasileiro.

Desde 1864, Ferreira Penna se embrenhou na exploração paleontologica da Amazonia, descobrindo monumentos prehistoricos, reconstituindo, por assim dizer, a vida dos primitivos povos amazonicos, a sua industria, costumes, tradições, armas, idolos, etc.

São suas obras principaes, publicadas: *O Tocantins e o Anapú* (1864, 127 pags.) — *A região occidental da provincia do Pará* (1869, 248 pags.) — *Noticia geral das comarcas de Gurupá e Macapá* (1874, 33 pags.) — *A Ilha de Marajó* (1875, 80 pags.) — *Breve noticia sobre os Sambaquis do Pará* (1878, no vol. I dos *Archivos do Museu*) — *Apostamentos sobre os Ceramios do Pará* (1879, no vol. II dos cit. *Archivos*, e mais um estudo, *As Urnas de Maracá*) — *Algumas palavras da lingua dos Aruãs* (1881, no vol. IV dos cit. *Archivos*, do Rio de Janeiro) — *Explorações no Amazonas, o Rio Branco* (1883, no tomo 1.º da *Revista Amazonica*, de Belém) — *Indios de Marajó* (1885, no vol. VI dos cit. *Archivos do Museu*, do Rio de Janeiro), brilhante estudo, que o professor Carlos Hartt adoptou como parte integrante do seu trabalho já citado (*Contribuições para a ethnologia do Valle do Amazonas*).

Nessa copiosa bibliographia, deixou Ferreira Penna as provas da sua constante operosidade e amor aos estudos paleontologicos. De muitas inscrições hieroglyphicas, de muitos monumentos da primitiva archeologia amazonica, existentes na Ilha de Marajó, na serra de Itaituba, nos rios Tocantins e Anapú, deu elle exacta noticia. Achados do mais alto valor prehistorico : esqueletos completos, ossadas fosséis de animaes extinctos, armas, como machados de diorito, raspadores de silex ; utensilios, como almofarizes, alguidares e vasos de pedra ou barro cosido ; tangas de barro, idolos coloridos ; fragmentos de louça ; conchas admiraveis, ornatos varios ; foram desenterrados por F. Penna, em pacientes pesquisas, que fez, nos ceramios e nos aterros sepulchraes ou *miracaniúras*, em Pacoval, Arary, Santa Isabel, Maracá, Camutins, Obidos, Serpa, etc. Amigo de sabios estrangeiros do quilate de Carlos Hartt e Agassiz, de Crévaux e Orv. Derby, de Henring e Wallis, de Smith e Lindstone, de Brown e Steere — Domingos S. F. Penna foi o maior contribuidor para a investigação das antiguidades prehistoricas dos Estados do Pará e Amazonas.

Muito lhe deve, portanto, a Paleontologia brasileira.

Elle continuou os trabalhos dos sabios apontados pelo sr. J. Verissimo e mais os de Burmeister, Natterer, Schreiner, preparando o caminho das futuras investigações de Emilio Göeldi, Barbosa Rodrigues, Henri Coudreau, Stradelli. . . O que Pedro Lund fez no Sul, Ferreira Penna realison no extremo Norte do Brasil : tirou do cáhos a nossa Prehistoria, dando-lhe firme assento nas explorações paleontologicas.

Quando na America do Norte começaram a ser descobertos e estudados os *shell-mounds* e outros destroços das eras prehistoricas, naquelle paiz, poude a sciencia desde logo apontar ao mundo uma legião de sabios paleontologistas, desde Whitney, W. Blake, Walter Hofmann e Dale, até March, James Dana, H. Simons, Mac-Lean, Squier e Davis. Nós, porém, temos ao lado de dous estrangeiros eminentes, P. W. Lund e C. F. Hartt, dous nomes nacionaes de alto merito — Ferreira Penna e Ladislau Netto.

§ VII

De Minas Geraes possui o Museu do Rio de Janeiro alguns monumentos prehistoricos, provenientes de pesquisas feitas nas grutas da Serra de São Geraldo e do valle do Rio Pomba (onde outr'ora acampam nações selvagens de remota origem) pelo naturalista-viajante sr. A. de Miranda Ribeiro e pelo sr. Dr. M. B. Furtado. De outras procedencias tambem alli têm ido ter objectos encontrados não só em Minas, como em outros pontos do sul do paiz (São Paulo, Paraná, Matto Grosso).

Pena é que das inscrições de alguns rochedos, na serra do Beribery e São Francisco, em Diamantina ; da Pedra do Resplandôr e do Lajão do M (*émme*), no Rio Doce ; da serra do Itambé do Matto-Dentro; da serra dos Martyrios, em Raposos de Sabará; da serra de São Thomé das Letras, em Ayuruóca, pontos esses de Minas, onde se diz haver pinturas e inscrições, com symbolos, imagens e glyphs, formando *cartouches* enigmaticos; não se tenham ainda tirado copias, que, levadas aos epigraphistas, sejam traduzidas ou possam ser interpretadas.

Está ahi outra sciencia, a epigraphia, creada na Europa, durante o seculo 19º, e que no Brasil não tem cultores.

Entretanto, é ella o archote—diz um escriptor—que aclara as descobertas archeologicas, que as decifra ou interpréta, e dá-lhes o cunho authenticico da ancianidadé e do valor scientifico.

Os estudiosos filhos de Minas reivindicam, todavia, para a sua terra natal a prioridade nas indagações da paleontologia brasileira, pois já no seculo 18º, em plena era colonial, sob o dominio portuguez, os nossos patricios Luiz Fortes de Bustamente e Sá, Domingos Vidal Barbosa, José Alvares Maciel (estes dous foram da Conjuração Mineira, 1789-92) e Simão Pires Sardinha iniciaram estudos a respeito dos nossos *fósseis* e nestas indagações lhes continuaram as pisadas, no

terreno scientifico, outros Mineiros : José de Sá Bittencourt Accioli, os irmãos José e Manoel Vieira Couto, Manoel Ferreira da Camara Bittencourt e Sá, todos filhos da centuria atrazada (sec. XVIII). Da Europa, onde haviam cursado Universidades (Coimbra, Montpellier, Freyberg...) trouxeram para Minas a predilecção pelos estudos de sciencias naturaes.

*
* *

Já é tempo de concluir esta *Memoria*. E não o faremos, sem declarar, mais uma vez, que, longe de termos querido apresentar ideias proprias, aventar hypotheses, formular problemas e exhibir falsa sciencia—ao contrario disso, nos limitámos a condensar um pouco das noções capitaes sobre o assumpto, a reunir material de estudo, que, ao nosso juizo, servirão de alguma cousa aos competentes, aos profissionaes.

Abalam ainda o nosso espirito de moço as palavras escriptas á pag. 282 de um livro brasileiro (*Algumas Notas Genealogicas*, São Paulo, 1886), pelo fallecido professor da Faculdade de São Paulo, Dr. João Mendes de Almeida, já por nós citado, em outra parte desta *Memoria* :

«Em vão a anthropologia experimental apresenta-se para desmentir a anthropologia revelada.

«Em vão mesmo, uma anthropologia denominada *prehistorica*, sem outros documentos que ossos e silex descobertos em cavernas e em camadas stratificadas do «sólo, ostenta egual proposito, pretendendo que os primeiros seculos devem ser divididos em edades successivas da *pedra bruta*, da *pedra polida*, dos *metaes*, e que «os homens primitivos foram selvagens. O testemunho «dos Livros Sagrados é irrecusavel. Ante essa massa «enorme de mysterios, em cujo redor dondejam denominados *sabios*, vemos perfeitamente DEUS presidindo a «creação, desde o inicio do mundo.

«Nem sem DEUS a comprehendemos ; e, si fôra necessario provar que Elle existe, o melhor argumento seria «a mesma criação.»

Para o Dr. J. Mendes e os que duvidam da *pura sciencia materialisada*—a qual só quer explicar a Humanidade e o Cosmos, dispensando a intervenção *divina*, já admittida por Bossuet, no seculo 17.^o (*Discours sur l'histoire universelle*)—parece acertada a convencida formula de Malebranche :

DIEU EST LE LIEN DES ESPRITS COMME L'ESPACE EST
LE LIEN DES CORPS.

¿ Estarão com a verdade os que se rebellam contra a criação divina do homem, como é o caso para Abel Hovelacque e Georges Hervé,

os sabios professores da Escola de Anthropologia de Paris, no seu tão conhecido livro *Précis d'anthropologie* ?

Para estes, a doutrina do *transformismo* está irreductivelmente assentada : o homem descende de um antepassado animal e a especie humana só chegou ao completo aperfeiçoamento, após lenta evolução atravez de fórmias intermediarias.

Outros sabios, Topinard á frente, sustentam como verdade scientifica que o «*homem actual* está separado, anatomicamente, do animal mais proximo a elle por um abysmo profundo cavado pelo tempo e que cada vez maior se torna pelo desaparecimento observado dos typos intermediarios ».

Eis ali : sinão existe o *cahos*, pelo menos a *duvida* existe, nos principios cardeaes da sciencia da Terra e do Homem.

Para elucidar, não ; mas para animar o debate servirá, talvez, este insignificante trabalho.

Já dizia Renan que a sciencia moderna reclama as monographias, que especialisam os assumptos mais graves, porquanto já não são possiveis hoje as vastas historias, os grandes e exhaustivos tratados, que fizeram as delicias de passadas gerações de sabios. Convem especialisar os assumptos, para que os conhecimentos fructifiquem.

As encyclopedias se fazem de monographias, nos tempos de agora : com estas se levantam construcções gigantescas, em todos os departamentos da sciencia.

E convencidos das verdades contidas nos conceitos de Ernesto Renan (*L'Avenir de la Science*, Paris, 1890), para aqui trasladamos, fêcho de ouro, estas formosas palavras, ditas no estylo tão proprio e suggestivo do grande Mestre :

«Personne n'est donc inutile dans l'humanité. Le sa-
«vage, qui vit á peine la vie humaine, sert du moin com-
«me force perdue. Or, je l'ai déjà dit, il était convena-
«ble qu'il y eût surabondance dans le dessin des formes
«de l'humanité. La croyance á immortalité n'implique
«pas autre chose que cette invincible confiance de l'hu-
«manité dans l'avenir.

«Aucune action ne meurt. *Tel insect qui n'a eu d'au-
«tre vocation que de grouper sous une forme vivante un cer-
«tain nombre de molécules et de manger une feuille, a fait
«une œuvre qui aura des conséquences dans la série éternelle
«des causes».*

FINIS

APPENDICE

Nota A—pag. 6 Sobre a vida e os serviços do Dr. P. W. Lund, no Brasil, devem ser consultados : Xavier da Veiga, nos vols. 1.º, 3.º e 4.º das *Ephemerides Mineiras* ; o Dr. Henri Gorceix, no já cit. n. 3, anno de 1884, dos *Annaes da Escola de Minas* ; o Major Annibal Mascarenhas, no seu *Curso de Historia do Brasil*, 1.º vol., pags. 96 a 102 ; e mais os trabalhos do professor Reinhardt, do Dr. Theodoro Langgaard (*O naturalista Dr. Lund*), do venerando sr. Barão Homem de Mello e do erudito sr. Dr. Pires de Almeida (destes dous ultimos, em numeros do *Jornal do Commercio*, do Rio).

Dous artistas mineiros, Hyppolito Caron (fallecido em 1892) e o sr. Honorio Esteves (da Escola Normal de Ouro Preto) estiveram, de proposito, no arraial da Lagoa Santa, onde foram estudar o local e a casa, em que viveo por tantos annos o solitario sabio dinamarquez.

Desses dous pintores existem notaveis quadros e retratos (reproducções) de Lund ; e na Bibliotheca da Escola de Minas, em Ouro Preto, ha um perfeito retrato a oleo do grande europeu, o creador, o «Pae da Paleontologia no Brasil», na frase de Göeldi.

A razão de Pedro Guilherme Lund ter escolhido o obscuro arraial da Lagoa Santa para sua residencia, em Minas, de 1834 a 1880 (anno de sua morte), foi porque, sendo um tuberculoso, de organismo franzino e debil, os saluberrimos ares daquella povoação lhe pareceram garantir a conservação da vida por mais tempo do que elle suppunha poder durar a sua existencia. Clima saudavel e ameno, alli constituiu elle a sua Thebaida, levando uma vida pacifica e suave, repartida entre os cuidados da sciencia e os beneficios prestados á população do logar, que muito o venerava. Juntamos a esta *Memoria* os dous preciosos retratos de Lund e de Domingos S. Ferreira Penna (os dous naturalistas aos quaes dedicámos o nosso humilde trabalho), para serem reproduzidos na publicação final das theses do 3.º Congresso Latino—Americano.

Nota B—pag. 11—«A geologia da vasta area do Brasil (diz o Dr. Alfredo Moreira Pinto, na sua *Chorogr. do Bras.* 7.^a ed., 1902, pag. 17) é relativamente desconhecida. Antes de 1767, não se tinham encontrado fósseis, e as investigações posteriores de Eschwege, Sellow, Martius, Pissis, D'Orbigny e outros eram exclusivamente geognosticas. Embora de grande valor, a identificação e a classificação de terrenos, que apresentaram, eram muito deficientes, por não se fundarem na paleontologia.

A base de uma verdadeira divisão paleontologica foi lançada pelas recentes investigações de Hartt e seus collaboradores. Ainda ha muito que fazer, porém, já se conseguiu uma noção mais clara da estrutura geologica do paiz».

De outra obrinha interessante, que o finado sr. R. Villa-Lobos publicou tambem sobre a Chorographia do nosso paiz (4.^a ed., 1901, pags. 18 a 23), trasladamos o seguinte resumo, que parece dar uma idéa geral do assumpto :

«E' de uma epoca relativamente recente que data o estudo da estrutura geologica brasileira, figurando Hartt e Derby dentre os seus principaes investigadores.

«Na opinião do referido professor Derby, a divisão paleontologica brasileira é assignalada nas seguintes especies», que agora apenas mencionamos, em seus traços geraes :

a) Terreno *Archeano*—composto de antigas rochas metamorphicas, que constituem a maior parte das montanhas, e dividido em duas grandes séries. A primeira foi classificada por Hartt no systema *Laurenciano*, e é caracterisada pelo *Eozoon* canadense ahi encontrado ; esta é a mais antiga e constante de rochas altamente crystallinas como *granito*, *syenito*, *gneiss* e *micaschisto*.

«A segunda serie, referida ao systema *Huroniano*, não é tão crystallisada como a precedente, e compõe-se de quartzitos, schistos, mineraes de ferro e calcareo, que caracterisam as regiões da Serra do Espinhaço, da serra da Canastra, da Matta da Corda e das montanhas de Goyaz.

Resumindo as demais divisões da classificação do Dr. O. Derby, temos :

b) Terreno *Palaeozoico*—composto das rochas do systema *siluriano*, *devoniano* e *carbonifero*. Ao systema siluriano se referem as serras do Espinhaço, entre Minas e Bahia, e as da Mantiqueira, no Estado de São Paulo, e em outros pontos do Brasil.

«As formações das montanhas situadas de ambos os lados do S. Francisco pertencem á epoca *siluriana* ou *devoniana*, a julgar-se pelos fósseis encontrados nos estratos de grez duro e azulado e schisto argiloso.

c) Terreno *Carbonifero*—O chapadão Amazonico é, em sua maior parte, composto de grez e schisto argiloso, cuja idade geolo-

gica ainda não foi sufficientemente determinada, por não terem sido ali encontrados fósseis.

d) Terreno *Triasico*—Pertencem á idade triasica alguns terrenos da bacia do Paraná, no sul do Brasil.

e) Terreno *Cretaceo*—A esta formação são referidos os planaltos dominantes nos Estados de Pernambuco, Bahia e Alagôas, em razão do apparecimento de grez e schisto argiloso, nos quaes se têm encontrado fósseis correspondentes á formação da bacia do Parnahyba, repositório de excellentes specimens de peixes fósseis da idade cretacea.

«No Ceará ha tambem vestigios dessa formação. Pertencem com algum fundamento a esta idade as camadas de grez com folhas fósseis, que se encontram nas circumvisinhanças de Monte Alegre. Esta epoca se revela, egualmente, na região do Alto-Amazonas, com o apparecimento de reptis fósseis.

f) Terreno *Terciario e Quaternario*—Os depositos de agua doce, contendo lignitos e encontrados nos valles do Alto-Parahyba, do Alto-Tieté, e em varios pontos de Minas Geraes, attestam a formação *terciaria*, não se podendo, entretanto, concluir da mesma fórma para o grande planalto continental.

«Concorrem para confirmar a existencia de uma epoca *quaternaria* o apparecimento de depositos fluviaes e lacustres, bem como o de uma camada terrosa, que se estende quasi por toda a superficie do planalto e resultante da denudação sub-aérea. A despeito das affirmações de alguns geologos, tem a nossa geologia demonstrado a não existencia de depositos glaciaes em o nosso solo.

«As extensas camadas encontradas nas terras baixas e alagadiças da depressão Amazonica, resentem-se de uma formação *quaternaria*, e talvez de recente origem *terciaria*.

«Pertence, egualmente, a estas duas formações a depressão do Paraguay, notavel pelos seus gigantescos mammiferos fósseis».



Continuam a apparecer outros estudos geologicos, calcados sobre a Paleontologia, e referentes ao Brasil. Em 1894, no *Jornal da «Sociedade Geologica»*, de Londres, o Dr. John W. Evans publicou importante *Memoria* sobre a geologia do Estado de Matto Grosso. Em Minas Geraes, os srs. H. Gorceix, Paula Oliveira, Costa Sena, Antonio Olyntho, Alvaro da Silveira, Calogeras (todos sahidos da nossa Escola de Minas), têm feito successivas contribuições ao assumpto; do mesmo modo que em São Paulo, os srs. Orv. Derby, Eug. Hussack, Theodoro Sampaio; e quanto á geologia do nosso littoral os notaveis estudos do Dr. John C. Branner, o eminente cientista *yankee*, tão affeiçãoado ás cousas do Brasil.

Nota C, pag. 12 — Si fomos enumerar todas as noticias conhecidas sobre monumentos e antiguidades prehistoricas, no Brasil, longe iriamos. O Museu Paulista, sabiamente dirigido pelo professor Dr. H. Von Yhering, no Ypiranga, contem varios fosseis interessantes, devidamente classificados, na *Sala B 11* (Paleontologia). Outras colleções fosseis possuem os Museus de Porto Alegre (Rio Grande do Sul) e de Belem do Pará, o Museu Amazonense, de Manáus (dirigido pelo Dr. Bach), a Escola de Minas de Ouro Preto, o Instituto Archeologico do Recife, etc.

Emquanto ha poucos mezes, nos Estados Unidos, se armava o enorme esqueleto do *Dinosaurus*, cujas ossadas se encontraram nas cavernas de *Rock-Mountains*, aqui, no extremo N. O. do Brasil (no Jurúá, territorio federal), o coronel de engenheiros, sr. Dr. Gregorio Thaumaturgo, desenterrava fosseis de alto valor, já doados ao nosso riquissimo Museu de São Christovam (Rio de Janeiro). São restos da fauna quaternaria, na bacia amazonica, ossadas de animaes gigantescos, emigrados de Alem-Andes, e que foram contemporaneos do *Megatherium*, do *Mammoth* ou *Elephas primigenius*, do *Mytodon robustus*, etc.

As descobertas ante-diluvianas se multiplicam pelo mundo inteiro.

Na Oceania, além dos estudos do allemão Wilhelm Dames—que descobriu e reconstruiu o esqueleto do *Gibbons*, grande macaco da ordem dos Anthropoides da Malasia—, appareceram ha poucos annos os trabalhos do paleontologista hollandez, Dr. Eugenio Dubois, professor de Geologia (da Universidade de Amsterdam) e que levantaram grande celeuma, nos centros scientificos, a proposito do *Pithécanthropus erectus*, reconstruido por aquelle professor, á custa de quatro peças do esqueleto primitivo desse Homem-Macaco (?), descobertas por elle, em 1894, numa elevação de terreno eruptivo, em Trinil, na Ilha de Java.

Foi, ali, perto da ribeira de Bengawan, em tufos vulcanicos fossiliferos, que o Dr. Dubois, excavando, achou o *craneo*, o *femur* e os *molares* desse animal, meio simio, meio homem, por elle reconstruido, conforme o admiravel modêlo exhibido na Exposição de Paris (1900), no pavilhão das Indias Netherlandezas, e ao qual baptizou com o nome scientifico de *Pithécanthropus*.

Mas que dissidio de opiniões a respeito desse supposto *antepassado* do homem ! Nada menos de *vinte e uma* opiniões desencontradas de sabios levantou a descoberta do professor de Amsterdam !

Entre nós mesmo houve, em 1897, um debate scientifico sobre o *Pithécanthropus* de Dubois, entre o professor H. Von Yhering (director do Museu do Ypiranga, em São Paulo) e o naturalista Carlos Euler. Este sustentava que «a capacidade encephalica do pithécanthropus é *pequena* demais para ser a de um homem e *grande* demais para ser a de um anthropoide»; porque a capacidade de um craneo fossil attinge a 900

ou 950 centímetros cúbicos, ao passo que a dos maiores anthropoides não passa de 500 centims.³

O sr. Dr. Henrique Von Yhering disse: «A discussão sobre o Pithécanthropus, não obstante terem tomado parte nella os naturalistas mais competentes, não deo resultado. São e continuam a ser diferentes as opiniões dos especialistas; para mim é signal que o Pithécanthropus, embora mais homem do que anthropoide, merece o interesse que a elle ligou Dubois e com este todo o mundo sabio. Creio que neste ponto a discussão ha de ficar até que sejam encontrados restos mais completos com queixadas e dentes. A falta das partes mais caracteristicas do craneo faz impossivel qualquer classificação zoologica segura.» Vide tomo IX, 1897, pags. 191-192, da *Revista Brasileira* (do Rio de Janeiro).

É o caso do *tot capitae, quod sententiae...*

Ainda, recentemente, Portugal (onde os estudos prehistoricos caminharão, devido ao tenaz exforço do geologo Carlos Ribeiro, segundo nol-o diz Consiglieri Pedroso), vio surgir uma interessante descoberta a 2 leguas de Amares, no Douro: uma cidade soterrada a mais de 10 metros de profundidade, com um necrotério de mais de 20 tumulos, varios edificios, idolos, etc. — cidade que parece remontar aos Lybios (3000 annos A. Chr.).

Nem só Carlos Ribeiro, mas também Nery Delgado, Martins Sarmiento, Pereira da Costa, Arruda Furtado e Ferraz de Macedo, este já por nós cit., como autor da *Ethnogenia brasilica* (Lisboa, 1886), têm sido os impulsionadores da Prehistoria, no paiz irmão. A bibliographia portugueza, nos dominios scientificos da historia natural do genero humano (conforme Broca definiu a anthropologia), apresenta os seguintes trabalhos, entre outros de valor: *Origens anthropologicas da Europa*, do Dr. Corrêa Barata; *Da craniologia como base da classificação anthropologica*, do Dr. Eduardo Burnay; e *Do methodo em anthropologia*, do Dr. Luiz dos Santos Viegas (Vide *Encyclopedica*, vol. I, do Dr. Maximiano de Lemos, Porto, 1903.)

Assim, na Italia, França e em outros paizes, onde se encetam pesquisas demoradas para o estudo d'essa nebulosa vida das populações prehistoricas.

No Brasil, falta-nos, sobretudo, a continuidade de taes trabalhos; o que temos provém mais do exforço individual e ás vezes estrangeiro, força é dizel-o, do que da iniciativa, sempre poderosa e util, dos governos.

De 1865 a 66, durante a expedição Agassiz, vinda dos Estados Unidos, especialmente para estudos de Historia natural (ichtyiologia), no valle amazonico, colheram-se valiosas observações sobre a geologia do Brasil, sobre a fauna e flora fosseis do norte do nosso paiz.

Com Agassiz vieram por esse tempo ao Brasil varios cientistas norte-americanos: os geologos Carlos Hartt e Orestes Saint-John, e os


naturalistas John G. Anthony, John A. Allen, o Dr. Cotting (medico), o desenhista Jacques Burkhardt, o preparador William James e outros. Mme. Agassiz escreveu e publicou, de collaboração com seu illustre marido, o interessante livro — *Voyage au Brésil*, que conhecemos pela traducção franceza de Félix Vogeli (Paris, 1869).

Anthony, especialista em conchyliologia, e Allen, em ornithologia, pouco se demoraram no Brasil. O braço direito de Agassiz pôde-se dizer que foi o notavel professor Hartt, então muito jovem, quando veio para o Brasil, nessa missão de 65-66. O Imperio o aproveitou depois na missão de organizar a *Carta Geologica do Brasil*, em meados de 1875; e nesse periodo teve Hartt a collaboração efficaz do Dr. Orville Derby, de Richard Rathbun, do Dr. C. A. White, do professor J. M. Clarke, do Dr. John C. Branner e de outros especialistas. O notavel trabalho de Hartt — *Geology and Physical Geography of Brasil* foi publicado em 1870, em Boston.

Da missão Hartt, no norte, ha muitos annos, ficaram estudos e descobertas de valor, na bacia do Amazonas; e é de prevêr que novos achados, nos dominios da paleontologia, se façam agora, na recente missão White, mandada pelo governo federal do Brasil, em exploração da bacia carbonifera do extremo sul da Republica (do Paraná ao Rio Grande do Sul).

Fazemos votos para que d'este Congresso Scientifico saiam elucidadas muitas e complexas questões de Anthropologia Prehistorica, de Archeologia, Linguística, Ethnologia e Paleontologia, que interessam ao continente americano. Os competentes decidirão muitos pontos lacunosos, nessas sciencias, e augmentarão o cabedal para taes estudos, no Brasil e nos outros paizes latinos do Novo Mundo.

Assim o crêmos e desejamos.



Nota D—pag. 15 A Commissão Geographica e Geologica do Estado de Minas, que foi proficientemente dirigida até 1900 pelo sr. Engenheiro Alvaro Astolpho da Silveira ; a Commissão Geologica do Estado de S. Paulo, sob a notavel direcção do sr. Professor Orville Derby (até 1904) e na qual ainda figura o sr. Dr. Eugenio Hussack (auxiliar); muita luz trouxeram ao problema paleontologico, no sul do Brasil.

Os boletins e cartas parciaes d'essas duas notaveis commissões scientificas representam uma somma de labor e competencia. Na bacia do Rio das Mortes (Minas) foram colhidos muitos exemplares da nossa fauna fossil ; e da serra de São Thomé das Letras (Ayuruoca) foram pela Commissão Mineira copiados os suppostos glyphos e inscrições, que ali se vêem, e estão reproduzidos no *Relatorio* da Secretaria da Agricultura de Minas (1895).

D'As grutas calcareas de Iporanga (São Paulo), onde ha deposito fossiliferos, o sr. Ricardo Krone dá excellente descripção na *Rev. do Museu Paulista*, vol. III, 1898 (*Caverna do Monjolinho*).

Dos rochedos do Erêrê (Amazonas), onde ha inscrições, traçou o professor C. Hartt, descrevendo-os, minuciosamente.

O Captain Richard Burton (*The Highlands of the Brasil*, 1869, vol. I, pags. 423-431) fala das inscrições existentes nas seguintes localidades banhadas pelo Baixo São Francisco (Bahia) : *Icó da Ipoeira*, *Sítio da Itacoatiara*, *Pé da Serra*, *Salgado*, *Fazenda do Brejo*, *Olho d'Agua* (Piranhas), *Ipanêma*, etc.

Henry Koster, o já citado viajante inglez (1809-1815), se refere ás inscrições da Parahyba do Norte, bem como o naturalista francez Francis de Castelnau (1843-1847) dá noticia das inscrições de Mattó Grosso, como a *Serra do Letreiro*, no Alto-Paraguay, tambem chamada *Letreiro da Gahyba*, segundo a versão do illustre medico e viajante brasileiro Dr. João Severiano da Fonseca (*Viagem ao redor do Brasil*, 1875-1878), no vol. I, pag. 327 dessa sua obra, onde vêem umas imperfeitas gravuras de taes glyphos.

No conceito do viajante inglez G. T. Milne (1904), esses specimens de escriptas gravadas nas rochas de Gahyba, sobre o rio Paraguay, «parecem ser representações toscas dos corpos terrestres : serpentes, uma mão humana e um pé humano, folhas de palmeira, de natureza semelhante ás que se encontram em outras regiões do Brasil, etc. E' questão difficil (diz o cit. viajante) de determinar se essas escriptas são o trabalho de uma raça ha muito extincta, ou dos antepassados das actuaes tribus indias.»

O Dr. John Branner (artigo traduzido na cit. *Rev. do Inst. Archeol.* do Recife) fala ainda das inscrições de *Curamatán* (Piauhy), *Morro de Cantagallo* (Alto-Tapajoz), *Alcobaça* e *Jequerapuá* (Baixo-Tocantins), *Serra da Escama* (Obidos), *Cachoeira do Ribeirão* (rio Madeira), etc.

O barão Alexandre de Humboldt (*Voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent*, Paris, trad. de Galusky) allude ás inscripções do Rio Oyapock (fronteira do Pará com a Guyana Franceza) e do Rio Orinôco, no extremo norte do Brasil.

Em alguns outros autores, como nas obras dos francezes E. Pissis, *La position géologique des terrains de la partie australe du Brésil* (1841) e Emmanuel Liais, *Climats, géologie, faune et géographie botanique du Brésil* (1872); em L. Agassiz, *Scientific results of a journey in Brasil* (1865); em V. L. Baril, Comte de La Hure, *L'Empire du Brésil* (1862); em Milliet de Sainte Adolphe, *Diccion. Geogr. do Brasil* (trad. portug. do Dr. Caetano Lopes de Moura); em Mello Moraes, Senior (Dr. A. J. de), *Corographia Historica & do Brasil* (Rio, 1858, Typ. Soares de Pinho): em todos esses autores existem referencias a varios monumentos prehistoricos do nosso paiz (ceramios, inscripções, pedras artificialmente sobrepostas, etc.).

Assim tambem em varios tomos da monumental collecção da *Revista* do Instituto Historico e Geographico Brasileiro—sabia associação a que temos a honra de pertencer e que vem, desde 1839, prestando os mais valiosos serviços ao conhecimento do Brasil physico e social—ha diferentes memorias e investigações relativas ao capitulo Inscripções, &.

De uma *Itáoca* e das inscripções da Parahyba do Norte, com figuras insculpidas, falou Varnhagem (Visconde de Porto Seguro), tomos 37.º e 55.º; das inscripções da *Casa da Pedra*, no serrote da *Rôla* (Ceará), tratou João Franklin de Alencar Nogueira, tomos 55.º e 56.º; das inscripções lapidares encontradas em Goyaz vem, no tomo 37.º, um excerpto da *Corografia historica de Goyaz* pelo Brigadeiro Raymundo José da Cunha Mattos; e no tomo 1.º (Março de 1839, pags. 66 e 98) se encontram descriptas as inscripções da Gávea (Rio de Janeiro).

O naturalista Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira (fins do sec. 18.º) descreveo as celebres grutas ossíferas do *Inferno* e das *Onças*, por elle visitadas, em Matto Grosso (tomos 4.º e 12.º, *Rev. cit.*); Taunay (Visconde Alfredo d'Escragno) aponta cavernas e inscripções, no seu trabalho *Curiosidades naturaes do Paraná* (tomo 53.º); e sobre outros assumptos, vide: tomo 7.º—*Ossadas fósseis de Cantagallo* (Estado do Rio); tomo 53—*Urna funeraria da praia de São Christovam*; tomo 12.º—*Archeologia indigena*, etc.

Possúe o Instituto—que é hoje, seguramente, a mais antiga e a mais notavel associação scientifica da Sul America—um Museu de objectos que interessam á Archeologia e Paleontologia, não só do Brasil como desta parte do Novo Continente. O tomo 49.º da *Rev.* d'elle deu um minucioso catalogo, elaborado pelo fallecido historiographo sr. Dr. M. D. Moreira de Azevedo.

Damos aqui por encerradas estas notas complementares da nossa *Memoria*.

Pedimos venia para o obscuro producto do nosso dedicado, porém fraquissimo exforço.

Mens et Labor



